

CÂNDIDO

JORNAL DA BIBLIOTECA PÚBLICA DO PARANÁ

BIBLIOTECA
PÚBLICA
DO PARANÁ

41

DEZEMBRO 2014
www.candido.bpp.pr.gov.br

O Brasil é uma festa

Com mais de 200
festas literárias
espalhadas pelo país,
o cenário da literatura
brasileira teve sua
dinâmica alterada,
com impacto na rotina
dos escritores e na
economia do livro

Ensaio | Arlete Parrilha Sendra • Música e poesia | Ivan Santos • Em Busca de Curitiba | Marcio Renato dos Santos

Em termos financeiros, as feiras e festas literárias fazem hoje aquilo que as vendas de livros nunca fizeram à grande maioria dos escritores brasileiros. Ou seja, garantem aos autores autonomia para serem escritores em tempo integral, sem exercer outras funções paralelas à escrita. Para isso, precisam participar de bate-papos sobre suas obras e temas análogos à literatura.

Esta edição do **Cândido** traz reportagens sobre esse novo panorama da literatura brasileira contemporânea, que não mudou apenas a rotina do escritor, mas a relação entre público e autor e, até, a economia do livro.

A reportagem ouviu escritores, editores e curadores para tentar identificar qual o papel desses eventos na cultura brasileira hoje. Formam público? Ajudam a difundir a literatura em lugares mais inóspitos? Tânia Rösing, idealizadora e coordenadora-geral da Jornada Nacional de Literatura de Passo Fundo, um dos eventos mais tradicionais do calendário literário brasileiro, diz que, para dinamizar os livros, é preciso preparar uma programação para os leitores encontrarem autores. “É a partir daí que continua o diálogo: primeiramente, do leitor com o livro e, depois, entre o leitor e o escritor. Com o tempo é que virá o gosto pela leitura dos clássicos.”

Já o escritor Ricardo Lísias vê com reservas a relação entre autores e o poder público, que em geral financia esses encontros. “Isso explica um certo comportamento chapa-branca, muito comum no *establishment* literário brasileiro”, diz o autor do romance *Divórcio*.

A 41ª edição do **Cândido** ainda traz ensaio inédito de Arlete Parrilha Sendra sobre *O coronel e o lobisomem*, de José Cândido de Carvalho, livro fundamental do romance brasileiro que completa 50 anos em 2014. Já o músico e jornalista Ivan Santos assina reportagem sobre prolífica relação entre a poesia e a música curitibanas. E, entre os inéditos, contos de Giovana Madalosso e Wilker Sousa e, na seção Em Busca de Curitiba, a ficção de Marcio Renato dos Santos.

Boa leitura.

CARTUM Arnaldo Branco



BIBLIOTECA AFETIVA



Divulgação

Afirma Pereira, de Antonio Tabucchi, é um livro completo na forma, na linguagem (irônica e apropriada à identidade da personagem] e na conveniência de seu conteúdo – um libelo contra a tirania e o terrorismo de estado, no caso os produtos e subprodutos do salazarismo em Portugal e suas relações com a Espanha de Franco e a Alemanha de Hitler. Se existem livros cuja leitura é obrigatória, um deles é *Afirma Pereira*. Tem como pano de fundo um período trágico para a humanidade, de restrições à liberdade, de violência física e psicológica, que a literatura tem o privilégio de manter vivo como exemplo para não ser repetido.

Tailor Diniz é escritor e roteirista, autor de 13 livros, entre eles *A superfície da sombra*. Em linha reta e *Crime na feira do livro*, traduzido para o alemão. Vive em Porto Alegre (RS).



Divulgação

A linha de ônibus Araucária-Pinheirinho me levava para casa quando lia *O assassinato e outras histórias*, de Anton Tchekhov. Ao som de música clássica e em meio aos “soquetes” do coletivo, me surpreendia com o livro. Principalmente com o conto que empresta o nome à obra. O cotidiano da pobreza e religião, inerentes à história, ligam-se com a realidade daquele ônibus lotado de pessoas sonhadoras, buscando transcender ou permanecer no estado em que se encontram. Seres humanos, “soquetes” do caminho e música contribuíram para a construção de um “mundo próprio”, peculiar da literatura, em minha cabeça.

Felipe Teider de Godoi, 18 anos, é estudante de Letras Português-Inglês na Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR). Nasceu e vive em Araucária (PR).

EXPEDIENTE

CÂNDIDO

Cândido é uma publicação mensal da Biblioteca Pública do Paraná



Governador do Estado do Paraná: Beto Richa

Secretário de Estado da Cultura: Paulino Viapiana

Diretor da Biblioteca Pública do Paraná: Rogério Pereira

Presidente da Associação dos Amigos da BPP: Gerson Gross

Coordenação Editorial:

Rogério Pereira e Luiz Rebinski Junior

Redação:

Marcio Renato dos Santos e Omar Godoy

Estagiários:

Luca de Lavor e Thiago Lavado

Coordenação de Desenho Gráfico | CDG | SEEC

Rita Solieri Brandt | coordenação

Raquel Dzierva | diagramação

Colaboradores desta edição:

Alan Sieber, André Ducci, Arnaldo Branco, Arlete Parrilha Sendra, Ben-Hur Demeneck, Giovana Madalosso, Heitor Yida, Ivan Santos, Nina Moraes, Juliana Stein e Wilker Souza

Redação:

impressao@bpp.pr.gov.br | (41) 3221-4974

BIBLIOTECA PÚBLICA DO PARANÁ
Rua Cândido Lopes, 133. CEP: 80020-901 | Curitiba | PR
Horário de funcionamento:
segunda à sexta, das 8h30 às 20h
Sábados, das 8h30 às 13h

Todos os textos são de responsabilidade exclusiva do autor e não expressam a opinião do jornal.

CURTAS DA BPP



Pintura da BPP

Acaba de ser realizada a pintura externa da Biblioteca Pública do Paraná. A obra foi realizada a partir do projeto "Tudo de Cor para Você", das Tintas Coral, que forneceu o material para a pintura. As empresas Compagas e Sanepar custearam a mão de obra. O prédio da BPP, que é tombado pelo patrimônio histórico, não recebia pintura

há duas décadas. A pintura é mais uma etapa do processo de modernização da BPP iniciado em 2012, quando o arquiteto Manoel Coelho realizou o projeto de reforma geral do prédio. No mesmo ano, ocorreu a troca da rede lógica e elétrica da Biblioteca, o que possibilitou que em 2013 os antigos fichários (fichas em papel) fossem substituídos por computadores para pesquisa do acervo.

Natal na Seção Infantil

A Seção Infantil da BPP recebe, no dia 12 de dezembro, trinta crianças que passarão o dia na biblioteca numa celebração natalina. Com direito a Papai Noel e uma ceia de Natal, as crianças também receberão presentes, doados por funcionários da BPP que ficaram responsáveis por adotá-las. A iniciativa é uma parceria da Biblioteca Pública

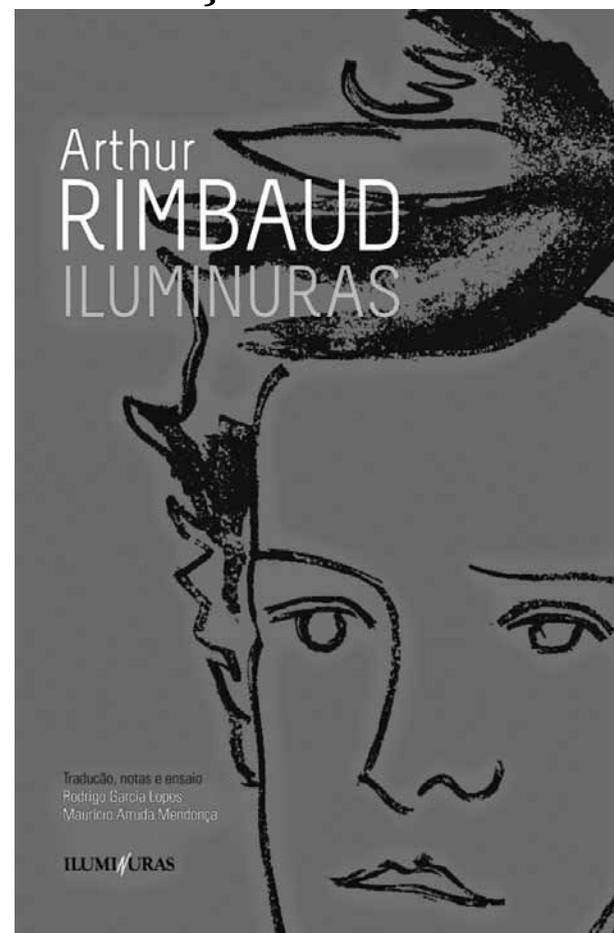
do Paraná com a ONG Organização de Desenvolvimento do Potencial Humano, que cuida de crianças em situação de risco. Além das celebrações natalinas, elas também participarão de projetos da Seção Infantil, como o Bibliotour e a Hora do Conto. A coordenadora do Coral da BPP, Paula do Amaral Harada, vai lecionar iniciação musical. No final da programação, às 15h, as crianças apresentam canções de Natal no Hall de Entrada do prédio.

Paraná no Prêmio São Paulo

O maringaense Marcos Peres levou uma das categorias do Prêmio São Paulo de Literatura 2014. Peres, que tem 29 anos, ganhou na categoria que premia escritores estreados até 40 anos. O livro vencedor, *O evangelho segundo Hitler* (Record), também venceu o Prêmio Sesc de Literatura em 2012 e esteve entre os finalistas do Prêmio Jabuti deste ano. A obra é inspirada no conto *Três versões de Judas*, do escritor argentino Jorge Luis Borges, que também é um personagem do livro. Em *O evangelho segundo Hitler*, há uma mistura de literatura com fatos históricos e um homônimo de Borges se envolve com uma seita alemã e, posteriormente, com o nazismo de Adolf Hitler.



Iluminações de Rimbaud



Um dos grandes títulos da poesia universal, *Iluminuras* (Illuminations), do francês Arthur Rimbaud, ganha nova tradução, acompanhada de ensaio crítico, feita pelos poetas Rodrigo Garcia Lopes e Maurício Arruda Mendonça. Após 20 anos da primeira publicação pela Editora Iluminuras, esta versão bilingue vem revisada e anotada, trazendo as percepções e iluminações do jovem Rimbaud durante sua juventude na Europa no final do século XIX. Escrito entre os 19 e 21 anos do autor, a obra é um testamento poético de Rimbaud e um dos textos fundadores da poesia moderna.

Olhando o autor pelo retrovisor

Especialista na obra de **José Cândido de Carvalho**, a professora **Arlete Parrilha Sendra** faz uma retrospectiva sobre a vida e a obra do autor de *O coronel e o lobisOMEM*, livro que em 2014 completa 50 anos e é um dos marcos do romance brasileiro

Divulgação



O escritor José Cândido de Carvalho, nos anos 1970, na Academia Brasileira de Letras, onde ocupou a cadeira 31.

Neste ano de 2014 todo o Brasil comemora o centenário de nascimento de José Cândido de Carvalho, escritor fluminense que, com Jorge Amado, José Lins do Rego, Erico Verissimo, Guimarães Rosa, Josué Montelo, Raquel de Queiroz, entre outros, compõe a ciranda literária que canta sua terra, sua gente.

Também neste ano são comemorados os 75 anos do lançamento de *Olha pro céu, Frederico!* e os 50 anos de *O coronel e o lobisomem*, livro-senha que abriria a José Cândido as portas da Academia Brasileira de Letras, instituição na qual ocupou a cadeira número 31, que pertencera a Cassiano Ricardo. Também lhe abriria o espaço sociocultural que viria ocupar em cenários brasileiros e de outros países, como a França, Alemanha, Portugal e Argentina, onde o Coronel Ponciano de Azeredo Furtado foi recebido.

José Cândido de Carvalho viveu sua infância em Campos, no Rio de Janeiro, entre espaços urbanos e rurais, ambos encontráveis em sua obra, levando-nos a ver em sua ficção um pássaro que pousa no real e ao levantar voo vai levando fragmentos desse real, construindo, em outro tempo e em outro momento, um real ficcional. Ou ficcional real.

Menino de infância pobre, estudou em escolas públicas e ainda garoto foi ajudante de farmacêutico, cobrador de uma firma de aguardente e de açúcar. Aos 16 anos, trabalhou em jornal. Essas experiências ele as levou para sua obra. Com os conhecimentos farmacêuticos compôs a alquimia de seu texto: misturou linguagens, inventou fórmulas; da aguardente, ele encontrou o teor da cana/palavra na medida certa, capaz de produzir efeitos etílicos/estéticos que desencadeiam risos, tiram as censuras, levando seus personagens a se despirem, desvelando sua mais secretas intimidades; da refinação do açúcar, aproveitou a musicalidade dos carros

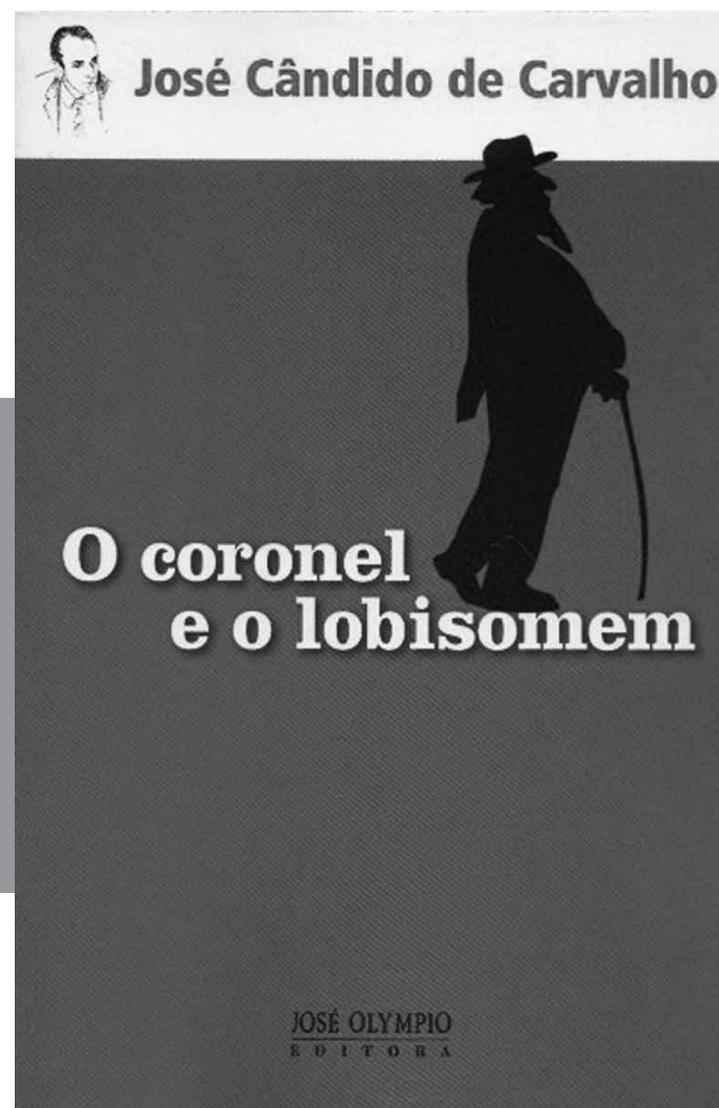
de boi que transportam o produto bruto que alimenta esteiras que alimentam caldeiras. E das andanças desses mesmos carros recolheu o imaginário entre os campos que um dia foram dos goitacazes. E, nas finalmências, documentou esse imaginário tal qual faz um escritor. Estava pronta sua obra.

Ainda em Campos, em 1937, José Cândido de Carvalho termina, na Escola de Direito Clóvis Bevilacqua, seu curso. Torna-se advogado, satisfazendo, assim, o desejo de seu pai, ver o filho fotografado com beca. Mas será o jornalismo que dará alicerces econômicos a sua vida e a marcará.

Ao deixar Campos, em 1939, com destino ao Rio de Janeiro, leva, como passaporte, o livro com o qual fará seu ritual de iniciação literária, *Olha pro céu, Frederico!*, romance acontecido nos tempos do gramofone, em Campos dos Goytacazes, ficção contextualizada que vem trazendo, entre caldeiras e fornalhas, entre memória e lembranças, um retrato dos engenhos de Campos às primeiras usinas, fazendo a ficção e o real se co-fundirem e se confundirem.

No Rio, faz amizade com Vargas Neto, neto de Getúlio Vargas. A convite deste, ingressou no jornal *A Noite*. Fechado o jornal, por razões políticas, José Cândido torna-se funcionário público e, por indicação de Amaral Peixoto, vai ser redator do Departamento Nacional do Café, no Ministério da Indústria e do Comércio. Torna-se redator de *O Estado*. Também foi copidesque de *O Cruzeiro*, a revista de maior circulação do país naquele momento. Desta revista tornou-se, mais tarde, diretor. Colaborou com o *Jornal do Brasil* e escreveu em *A Cigarra*, revista mensal, editada por Herberto Sales.

Somente 25 anos após lançar *Olha pro céu, Frederico!*, em 1964, portanto, sai pelas oficinas de *O Cruzeiro* seu livro *O coronel e o lobisomem*. A escritora Raquel de Queiroz vê no livro uma



obra-prima. Erico Verissimo disse: “Não exito em colocar *O coronel e o lobisomem* entre os melhores romances da literatura brasileira de todos os tempos”. Já Manoel Cavalcanti Proença escreveu que “a força do livro e a compostura do herói lhes dão entrada na literatura de sempre”. Ou seja, o livro recebe total consagração.

A narrativa de *O coronel e o lobisomem*, de José Cândido de Carvalho, tem seus alicerces ficcionais em reais espaços geopolíticos por onde a invenção criativa ganha existência e o autor, via narrador, deixa fluir sua memória afetiva. Inventando um mundo com formas linguísticas verticalizadas, o autor retoma os elementos culturais de suas raízes e, mimeticamente, fá-los explodir para

além do *continuum* da história, toca o lado de lá do passado para que ele possa ser alcançado pelo lado de cá do futuro, numa analogia com a ponte heideggeriana: “Sempre e de modo diferente, a ponte acompanha os caminhos morosos ou apressados dos homens para lá e para cá, de modo que eles possam alcançar outras margens. A ponte reúne, enquanto passagem que atravessa. Assim, em travessia, a cultura — como a ponte — vem trazendo o outro lado, outro tempo/espaço que ela sequência e, como águas heraclitianas, vem trazendo a história de suas margens.

A narrativa *O coronel e o lobisomem* tem como narrador o próprio Ponciano. Assim, personagem e narrador se alternam:

ora é o narrador Ponciano que fala do personagem Ponciano, como se outro fosse, ora é o próprio Ponciano que se narra, ou seja, se autonarra, dando expressão e originalidade a essa autobiografia ficcional.

A narrativa se serve de diferentes espaços contextuais: terras da baixa-campista, Santo Amaro, Ponta Grossa dos Fidalgos, São Gonçalo, Fazenda Paus Amarelos, e em Campos, Rua da Jaca, Rua da Quitanda, Rua Aquidabam, altos da livraria Ao Livro Verde. E registrará a presença de personagens que integram os clãs tradicionais de Campos, como a família Coelho dos Santos e espaços socioculturais, como teatros, hotéis, lojas e casas de “tolerância” que marcaram presença no desenrolar da história da cidade.

Ponciano surge na narrativa como menino órfão, criado pelo avô Simeão, rico proprietário, com terras de vantagem do porte. E fortuna de incalculável valor.

Surpreendido em vadiagem com uma pardavasquinha, palavras de Ponciano, o avô o manda para colégio de padres, em Campos. Seus estudos ele os prolonga, fazendo o avô acreditar em sua incompletude. Paralelamente, se torna frequentador de festas e arruagens.

Com a morte do avô Simeão, Ponciano volta a Sobradinho, casa em que vivera na infância. A fortuna que lhe é deixada lhe confere a patente de Coronel, título que Ponciano repetirá sempre: “de que tenho honra e faço alarde”.

Rastreado a tessitura narrativa, constatamos que ela se abre com um frustrado caso de amor que vai provocar a primeira fissura na experiência interior do adolescente Ponciano. Cito Ponciano: “Assim por causa de um par de tranças de uma tal de Dona Branca dos Anjos, apareci em Gargaú, cidadezinha criada e amamentada no areal da costa.[...] Pelas prendas e esmerada guarnição traseira da menina Branca dos Anjos lá cheguei em trenzinho de

ferro e lombo de canoa. Gargaú trancou a porta em minha cara”.

Acolhido por Dadá Pereira, em casa que abrigava moças de vira-e-mexe, mulheres não desposáveis, mas mulheres comíveis, expressão que encontramos em estudos antropológicos, Ponciano vai ser de “serviço completo”. E é nesse ambiente de luzes e sedução que Ponciano vai encontrar antídoto para sua primeira dor de amor.

Nos espaços rurais, Ponciano vai pontificar. Seu tipo físico, sua voz alta, as vantagens que contava, o caso da seireia, o caso do lobisomem, a onça pintada, as conquistas jamais acontecidas mas por ele jamais assim assumidas fazem dele uma figura respeitável. Amigo incondicional, Ponciano se torna maior que ele próprio.

Para atender a demandas de suas terras no fórum, Ponciano vai a Campos e é a partir desse momento que ele, levando como bagagem “acontecidos e sucedidos” em noites trevas de longes antigamente, vai viver o conflito entre as diferentes culturas: a rural e a urbana, através de fatos diversos da vida cotidiana, marcados concretamente entre ele, Ponciano e Dona Esmeraldina — a mulher de olhos de capim —, símbolos de diferentes classes sociais, de diferentes culturas, representantes de forças sociais em confronto, em simulação de um caso de amor.

Ao deixar o Sobradinho, em Mata Cavalos, em Campos, o Coronel se instala no Hotel das Famílias, ali na Beira-Rio e, na carona de seu dinheiro, passa a ter uma ação efetiva na vida social, onde Dona Esmeraldina, Dr. Pernambuco de Oliveira, Salatiel de Castro, o Castrão do Banco da Província, além de Fontainha e Portela — bisbilhoteiro da imprensa —, o envolvem e seduzem.

Observador irônico de sua sociedade, José Cândido nos traz, através de um *background*, a evolução histórica que acontecia nos bastidores do Brasil, quando as

rodas dentadas da primeira revolução industrial aportam no país. E faz seu ensaio inicial nas terras de Campos, que no texto não é uma geografia ficcional.

Instalado na cidade, Ponciano vai buscar um novo sentido para sua vida e, para isto, rompe com o mundo rural, ainda que o leve dentro de si, em sua linguagem, em seu repertório — patrimônio herdado de seu autor — marcado pela relação homem-natureza, dentro de um sistema simbólico-ideológico, onde sua autenticidade era moeda de respeito e valor. Na cidade, Ponciano vai ser envolvido pela ambição egoísta que faz do outro, depois de usado, objeto descartável.

Sujeito solar, Ponciano não percebe que seu desejo de ascensão social estava barrado desde sempre pela estrutura da cultura brasileira que impede a inclusão dos excluídos no contexto político-nacional. Não percebe que está excluída a linguagem que traz o espaço rural de onde ele, sujeito do discurso, fala.

Dona Esmeraldina, a mulher que enfeitiçara o Coronel, ele a conhece, quando, instalado na Rua da Jaca, de baixo de agasalho, metido na fervura, Ponciano “recebe doutor novo, de canudo ainda molhado nos exames, o doutor Coelho dos Santos, para tratar de uma maleita da pior”. Está em processo de convalescência, quando vê “parar na porta carro de cerimônia. Era Pernambuco de Oliveira, munido de senhora, moça de sala e salão, que mal pisou a soleira da varanda já suas águas de frasco aromavam a casa inteira”. E será dentro desta estrutura que serão desveladas as ações e atitudes que vão constituir a problemática humana desse romance.

Entendemos que há um sociólogo no avesso desta ficção carvalhiana que é reveladora do fabuloso, do fantástico ato de viver. As personagens se tornam símbolos de um humano jeito de ser em transformação, transformação muitas vezes em descompasso com a paisagem esboçada pelo por vir.

“Ao construir sua obra, com singular imaginário, e com plurais perfis e destinos humanos, José Cândido de Carvalho nela esculpe e cinzela dramas e conflitos ideológicos que se fundem em seu arsenal semântico.”

Interessa-nos, nesta leitura, apreendermos a visão do feminino que, através do Coronel, José Cândido de Carvalho documenta, dentro de uma certa complexidade estética, dentro de um mundo feito por ideias já feitas.

No panteão feminino estruturado pelo Coronel, desfilam mulheres que insistem na construção de um novo contrato histórico. Mulheres que recusam se pautar pelo espelho retrovisor.

Se na adolescência Ponciano conheceu o primeiro não do amor através de Clara dos Anjos, outras tentativas serão vividas pelo homem que acredita ser o amor mercadoria adquirível seguindo seu poder de compra.

Por passarelas do Sobradinho desfilam, em sonhos, mulheres que — Ponciano não sabia — recusavam ampliar o coro da vitimização e exigiam ter seu destino em suas próprias mãos. Assim, depois de Clara dos Anjos, “a menina de andar de cobra”, de abraço não consentido, Ponciano conhece dona

Isabel Pimenta, “um morenã, puxado a canela, olho de água e beijo de colchão”, professora que despertara, em Ponciano, o sonho de Azeredinhos. Cito Ponciano: “Já presenciava a moça professora na fartura dos nove meses, na roupa fofa de esperar parteira. Mais de dez Azeredinhos Furtados era eu capaz de jogar no mundo. Mais de dez”.

Ponciano lê o parecer de Isabel como se Isabel fosse. Acreditava estar a moça professora ‘ardida de sentimento’.

Assim, um dia, “sentado na ponta da cadeira, lenço metido na trouxa da mão, Ponciano, em farda militar”, faz o pedido:

“Tinha lá meus anos entrados, léguas de pasto, dinheiros forros no Banco Hipotecário, ensinamentos de escola, fora outras vantagens como oficial superior e homem de irmandade. E dei o último laço no petitório mais ou menos assim:

— De Vossa mercê espero graça favorável”.

A moça professora retornou a Campos para entendimentos com os pais. E de Campos a resposta viria.

Ponciano esperou. Esperou e a resposta chegou. E foi com “Peito afrontado e perna tremosa” que entra na leitura: “Nem demorou duas linhas, logo no rabo dos cumprimentos (Como-vai-como-tem-passado-o-coronel?), tive o primeiro desgosto. Entre desculpas e desculpinhas, a mestra repelia meu pedido. Com um “cachorra”, Ponciano faz sua catarse. Na verdade, Ponciano sofria com o não de Isabel, mas o vexame por que passara na sessão de despedida o atormentava. Trocara a aromagem da pólvora por água-de-cheiro. Lembrou-se do amarrado de cravos que levava a dona Isabel. Amarrado que dava para 20 despedidas. Lembrou-se de que Juca Azeredo até pano de apadrinhagem mandara cortar. Juquinha Bezerra tinha razão: “Mulheres, tudo serve, Coronel. Todas têm seu proveito. E dona Isabel passou. E a vida tem pressa”.

Lembro que Ponciano traz os traços de caráter do homem cordial cantado por Cassiano Ricardo, por Ribeiro Couto, cujo fundamento sociológico foi dado por Sérgio Buarque de Holanda, em *Raízes do Brasil*: convívio humano, fraqueza de caráter, ambiguidade, a crença de ser possuidor de uma certa esperteza.

Dando vida a seus personagens, José Cândido de Carvalho traz para sua ficção os momentos iniciais em que o feminino começa a ensaiar seu pensar, a assumir seu libertar-se. E paralelamente nos mostra que o texto literário é mais que palavra. É vida.

Ponciano continua sua caça. Quer encontrar a mulher capaz de fazer dele homem-sapo, homem-príncipe. E vai usar o Vermelhinho-pé-de-pilão, o capitãozinho que atemorizava todos os galos da região, como senha para che-

gar a Caetano de Melo, que guardava, em sua casa, a solteirice de dona Bebê de Melo.

Ponciano chega às posses de Caetano. Conhece dona Antônia, dona de “platibandas sedutoras, coisa de admiração, apetrechos de fazer vista” e muito do agrado de Ponciano. Mas Juju Bezerra descarta dona Antonia por ser dona Bebê a apalavrada. Mas dona Bebê não aparece, uma caxumba exigia o resguardo do vento. Ponciano, que cortara pano novo para a visita, pensa em fazer a troca. Dona Antonia servia. Juju Bezerra não concorda, dona Bebê o aguardava. Começasse Ponciano a “preparar garrafada de jurubeba e levanta homem”. Dona Bebê era macuco no embornal. Mas não foi. Livre da caxumba e ao saber que Ponciano fora também fazer vistoria de casamento, em estado de susto, pede asilo aos primos de Macaé.

Casar não casava. Iria para um convento. Preferia a mortalha. Ponciano, jamais!

Restava ainda a dona Antonia. Restava uma esperança. Engano. Ponciano aguardava a caxumba de dona Bebê para dela receber o sim, um marchante de gado, desencalhava a solteirice de 40 anos de dona Antônia. E sabedor de que não havia mais ninguém da família, nem nas redondezas, Ponciano catarticamente (?) diz: “Nunca, seu Bezerra, que vou ficar embaraçado nesse cipó-rabo-de-macaco”.

Houve algumas e outras marias-mijonas, expressão ponciana, interessadas no Coronel. Mas não mereceram seu registro, como as filhas de dona Bidu. Tão logo dona Bidu soubera que o Coronel cheirava interesse na mais tenrinha de suas filhas, a de “tranças de boneca”, escondeu sua menina. Ponciano lera a intenção de dona Bidu: forçar



ENSAIO

Ponciano a extrair a menina em garupa de cavalo, em noite de fantasia. Mas o Coronel recusa. E diante da silenciosa recusa, dona Bidu espalhara: “Prefiro ver a menina amortalhada do que em poder de Ponciano”

Também uma sereia recatada e de fino trato ganha espaço no panteão. Encantara-se com Ponciano. A moça das águas a ele se oferece. Ele a toma nos braços, arrasta-a para o seco, deixando em águas, a parte escamosa, sem nenhuma serventia. Ouve-lhe o canto. Escuta seu convite. Com ternas falácias, recusa seus palácios, carruagens de ouro que no fundo das águas verdes lhe pertenceriam. A sereia, em lamento triste, escorreu para profundezas inalcançáveis. As águas cresceram. Enquanto a lua se escondia. E a noite se fazia mais escura que a escuridão.

Ao construir sua obra, com singular imaginário, e com plurais perfis e destinos humanos, José Cândido de Carvalho nela esculpe e cinzela dramas e conflitos ideológicos que se fundem em seu arsenal semântico. E tomando o signo feminino, estabelece uma tensão paralelizada com a força de uma cultura em trânsito.

José Cândido de Carvalho documentou, em farsa de ficção, a relação entre o homem e a mulher, sem nenhuma proposta de acusação, tão só mimetizou a vida em seu correr e transcorrer, vindo nessas relações um fenômeno cultural, portanto, passível de ser modificado. Afinal, constituíram os homens — aqui me centro no gênero — a única parcela do universo incapaz de evolução?

Não existe, insistimos, uma feminilidade universal. Como não existe a masculinidade singular. Existem feminilidades. Na modernidade líquida está presente uma feminilidade renovadora, essa feminilidade que se a ela for dada um fósforo, com ele acenderá estrelas, constelações. Com esse fósforo o céu inteiro se iluminará.

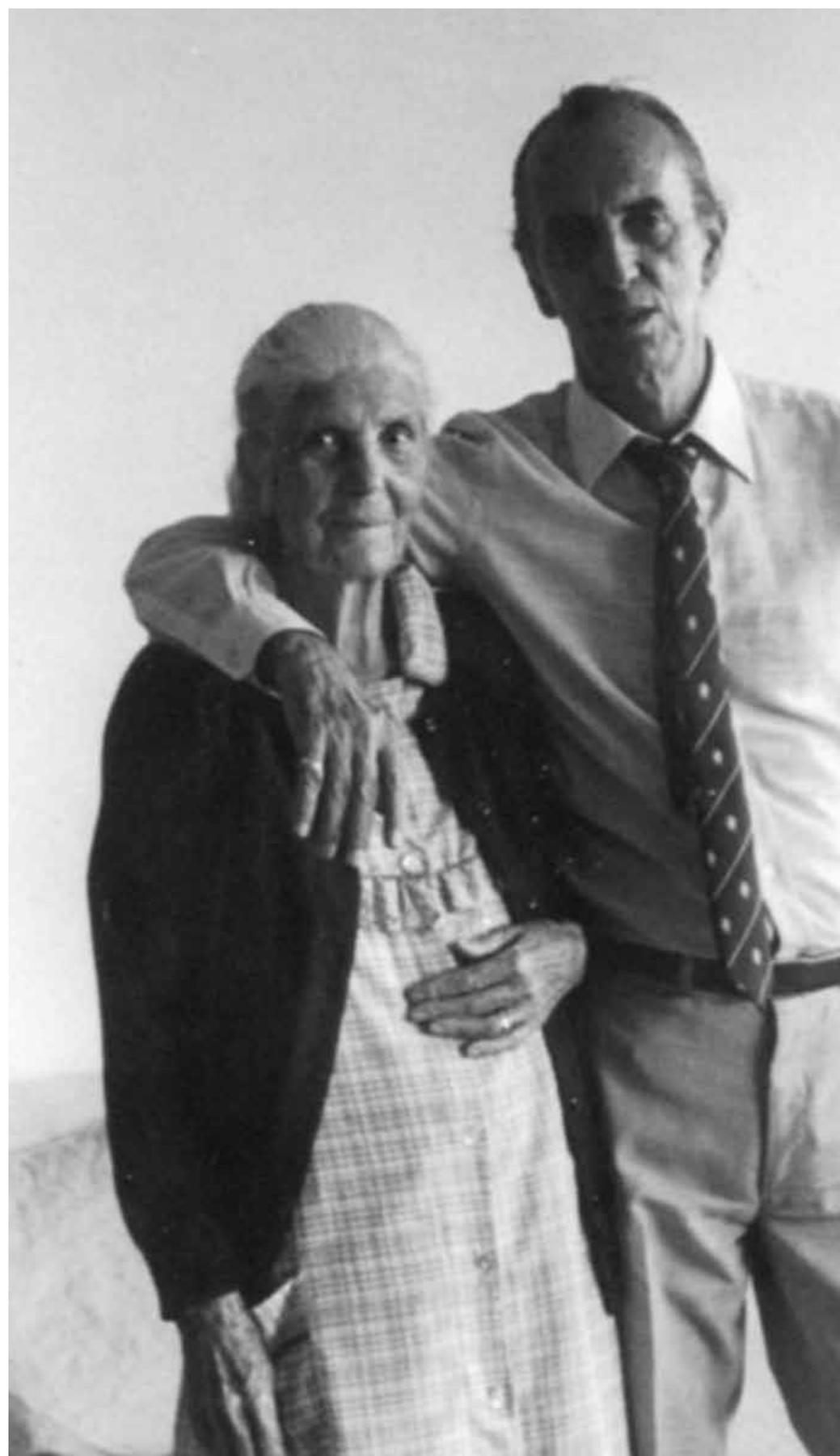
Concluindo o panteão, presença entre presenças, está dona Esmeraldina. Se na adolescência Ponciano fora

em busca de Clara dos Anjos, mito de mulher-flor; se lá atrás, dona Isabel era a mulher esposável, que fazia nascer os sonhos de Azeredinhos; se a menina de “tranças de boneca” foi ingenuamente pensada, agora Ponciano persegue Esmeraldina, a mulher-caça, a mulher comível, mulher com tempero de prazer, cujos apelos carnavais faziam latejar suas pulsões inconscientes e o impediam de pensar em Azeredinhos.

Dona Esmeraldina é a mulher que fascina. E intriga. E instiga. Prende e enfeitiça. Ela joga com Ponciano, aprisiona-o em uma promessa escamoteada no amanhã, dando a ele a ilusão de seu querer e desejar e não poder.

Escondendo sua verdadeira identidade, dona Esmeraldina, mulher de escrúpulos duvidosos, prometia, em insinuações, inacontecíveis acontecíveis e Ponciano, no aguardo dessa felicidade, não sentia, não via na espera perda de tempo. Ponciano que não alcançava os ardis esmeraldinos, não desvelava a mulher. E sem lhe tirar os véus, ele não a via. De dona Esmeraldina ele cobiçava a carne. Seu cheiro. Seu corpo. Enquanto dona Esmeraldina cobiçava seu dinheiro: “Passei ao bolso do amigo doutor cinco pacotes de contos de réis e uma garantia de mais cinco”. “Como quem não sabia de nada, pedi a Nogueira (o marido de dona Esmeraldina) o especial favor de abrigar, na caixa forte do escritório uma certa quantia de que eu andava desprecisado”. “E enquanto dona Esmeraldina ficava cada cada vez mais embeijada, amparei empréstimo do marido no Banco da Província”.

Vivendo entre Eros e Tanatos, dona Esmeraldina vai exigir de Ponciano viver seu desejo (dela), sem direito à posse. Em Ponciano e com Ponciano ela testa o poder da mulher. E uma plural sensorialidade vai emoldurar essa relação que tem como fundo o código sonoro orquestrado pela música do caixa de bancos, sons que incitam a



O escritor posa ao lado da mãe, Maria Cândida de Carvalho, em Campos dos Goytacazes, no Rio de Janeiro.

Reprodução

inquietação gozosa e a fruição da mulher “de olhos cor de capim”.

Enquanto Ponciano sonhava com os dois corpos em contorcimento pelas garras de desejo, corpos incendiados e enrijecidos pelas núpcias proibidas, dona Esmeraldina pensava dinheiros, insensível às promessas insinuadas, adia para um amanhã jamais “chegável”, insensível às cicatrizes que ia imprimindo no soma e nos semas de Ponciano.

Dona Esmeraldina jogava com promessas: “Mas já preveni Nogueira. Acabada essa barafunda (política) vou embora, vou descansar no mato”.

Ponciano conta na ponta dos dedos os dias que faltavam para o prazo da eleição. Cito Ponciano: “Já via a moça do chalé sozinha comigo em ermo de pitanguera, em vadiagem de ninguém ver”.

E o tempo passou. E a eleição acabou. E Nogueira perdeu. E dinheiro vai, o dinheiro de Ponciano não voltou. E ele que valia pelas cifras que tinha, perde seu valor na bolsa dos afetos que não existiam.

Cito Ponciano:

“Um dia, uma tarde, na Praça da Quitanda, vi passar, em carruagem de luxo, Dona Esmeraldina e Selatiel de Castro, o Castro dos dinheiros a juro do Banco da Província... Ao dar comigo espetado na calçada, a mulher de Nogueira rebaixou os olhos... Dei de ombro: Vaca!”

Não há surpresa no desfecho da narrativa. Ponciano perdera tudo. Apenas um sabiá-laranjeira, “muito cantativo, mais que um tenor das ribaltas”, lhe faz companhia.

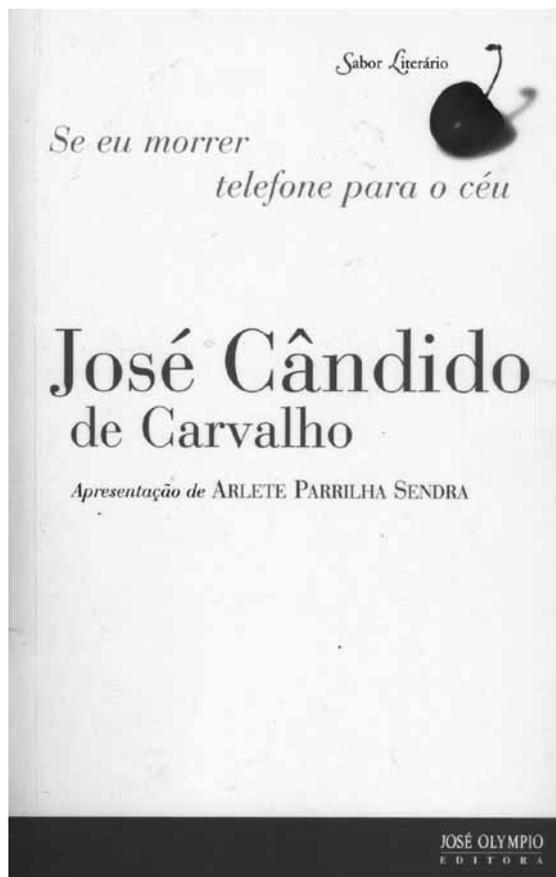
Como se um oximoro fosse, Ponciano retorna ao Sobradinho, de árvores adormecidas e castradas. De pios negros. Ares tensos. Sons quebradiços. Cheiro de bolor. E vê as ervas-de-passarinho sobradas das cumeeiras meterem “os dedos nos rachados das paredes”. Ali e aí é atravessado pela dor, na carne e no espírito. Se revê na narrativa, que ele próprio escrevera. Rebobina

cada momento seu. E então, Ponciano vê o que ao viver não vira. Vê suas raízes arrancadas. Vê a tragicidade de seu destino.

E, nas “finalmências”, no instante existencial único, quando seu destino se cumpria, Ponciano é iluminado por uma intensa revelação interior, por uma fresta de luz que penetra nas rachaduras do vivido, momento em que a realidade é descortinada. E sem o desejo que o impedia de o ver além do que lhe era visível, de ver os signos que descobrem pessoas e revelam o que está no interior do homem, Ponciano tem lembranças humilhadas e são essas lembranças que coreografam seus momentos últimos vividos.

Em longínquo som, ele ouve a vozinha do anjo comedor de terra: “Lá vai o Coronel Ponciano de Azeredo Furtado em sua mulinha de guerra”.

O luar caía a pino do alto do céu. ■



 **Arlete Parrilha Sendra** é graduada em letras clássicas (português, latim e grego), mestre em Literatura Brasileira, doutora em Literatura de Língua Portuguesa e pós-doutorada em semiótica. Atualmente, é docente e pesquisadora da Universidade Estadual do Norte Fluminense (Uenf). Vive em Campos dos Goytacazes (RJ).

Prêmio Paraná de Literatura 2014 anuncia vencedores

Operação Impensável (Vanessa Barbara), *Fios* (Sônia Barros) e *No Início* (Adriana Griner) foram escolhidos entre as mais de 600 obras inscritas

DA REDAÇÃO

A Biblioteca Pública do Paraná (BPP) divulgou na última semana de novembro os títulos dos livros vencedores do Prêmio Paraná de Literatura 2014. Em sua terceira edição, o concurso da Secretaria da Cultura do Estado (Sec) selecionou obras inéditas, de autores de todo o País, em três categorias que homenageiam figuras importantes da literatura paranaense. O júri apontou *Operação impensável*, de Vanessa Barbara (SP), como o melhor romance (prêmio Manoel Carlos Karam). *No início*, de Adriana Griner (RJ), venceu a categoria contos (prêmio Newton Sampaio). E *Fios*, de Sônia Barros, foi o destaque entre as obras de poesia (prêmio Helena Kolody).

Cada autor receberá R\$ 40 mil e terá sua obra publicada pela Biblioteca Pública, com tiragem de mil exemplares. A entrega oficial dos prêmios e o lançamento dos livros acontecem no dia 12 de dezembro, em um evento na BPP. Neste ano, a comissão julgadora, formada por nove membros, avaliou 636 trabalhos. Elvira Vigna, Regina Zilberman e Lourival Holanda foram os jurados da categoria Romance. Cíntia Moscovich, Antonio Carlos Viana e Paulo Venturilli escolheram o melhor livro de contos. Luci Collin, Augusto Massi e André Seffrin analisam as obras de poesia. A comissão foi presidida por Rogério Pereira, diretor da BPP.

“O Prêmio Paraná tornou-se rapidamente um dos mais importantes do Brasil. Prova disso é que boa parte dos livros vencedores nos anos anteriores acabaram ganhando edições por grandes editoras brasileiras”, diz Pereira. “Esse tipo de concurso é fundamental para fortalecer a literatura brasileira, chamando a atenção dos leitores para excelentes livros de autores contemporâneos. Para 2015, estudamos a possibilidade de incluir a categoria infantojuvenil”, completa.

A jurada Luci Collin também destaca o prestígio adquirido pelo Prêmio

Paraná em apenas três edições. “É o que indica o elevado número de participantes nas três categorias do concurso. Foram muitos inscritos e, embora alguns ainda se mostrem presos a padrões poéticos, temas e estruturas algo desgastados e menos inventivos, a maioria apresentou um bom domínio dos elementos que caracterizam a poesia”, avalia.

Para Cíntia Moscovich, o processo de seleção dos livros inscritos no concurso revelou uma variedade na produção. “Tivemos contato com uma miríade de expressões narrativas, muitas vezes com a interpenetração de gêneros, linguagens e inquietudes. Isso, *per se*, não é bom ou ruim. É uma característica do que se pratica em termos atuais”, afirma.

Lourival Holanda, jurado da categoria Romance, acredita que o Prêmio Paraná cumpriu sua função de promover e dar visibilidade à criação literária do momento. “Um concurso literário pode ser um dos modos de sentir o pulso da qualidade inventiva de um tempo — de que o texto dá testemunho. Além disso, a Biblioteca Pública do Paraná augura ser a pedra angular de uma carreira literária e ajuda a estimular novos projetos literários”, diz.

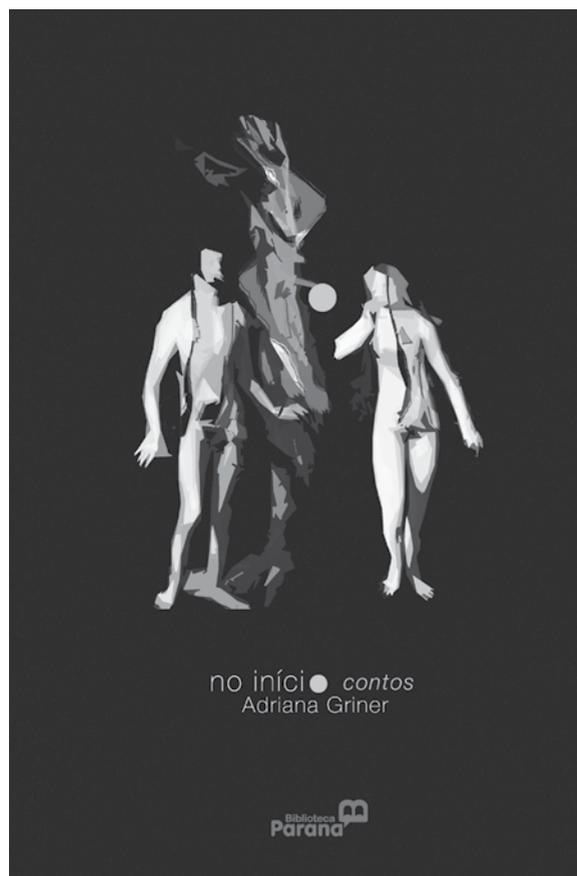
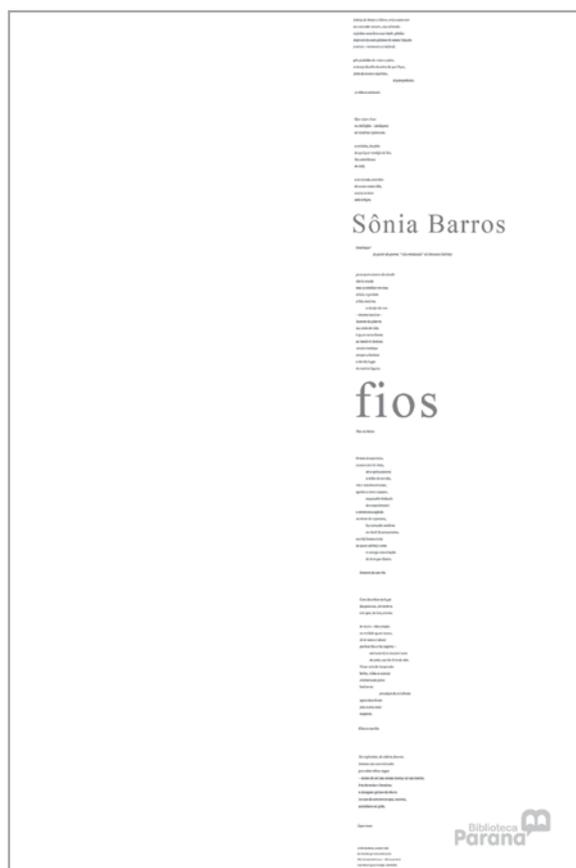
Os vencedores

“*Fios* se destacou por explorar a intertextualidade — passando, sobretudo, pelo universo da música, das artes visuais e do cinema — e por evidenciar um domínio formal no uso dos recursos rítmicos e de sonoridade que marcam o fazer poético”, justifica Luci Collin. Ela ainda afirma que os poemas da autora paulista Sônia Barros apresentam imagens aos mesmo tempo sutis e impactantes, que conferem beleza e densidade à obra.

Composto por contos inspirados em passagens do Antigo Testamento, *No início*, da estreante carioca Adriana Griner, cativou a comissão julgadora, segundo Cíntia Moscovich. A autora ressalta, como qualidades da obra, o

forte sentido de unidade da narrativa, o viço da linguagem e a ousadia de revisitar o “livro dos livros”. “Chega a ser um alívio premiar só um volume. É o prêmio que se dá à convicção”, garante.

Operação impensável, de Vanessa Barbara (SP), apresenta um olhar feminino e contemporâneo sobre o eterno tema da guerra conjugal. Mas, de acordo com Lourival Holanda, foi sua linguagem que levou o trio de jurados a premiá-lo. “O livro foi escolhido por unanimidade pela deleitação inventiva, pelas nuances verbais, pela forma engenhosa e cativante de um estilo vivaz e pessoal. O tom irônico dá leveza e contundência à crítica aos valores do consenso cultural que ali se delinea”, diz. ■



Vencedores

Prêmio Paraná
de Literatura

romance . conto . poesia

2012

Sergio Y vai à América | romance

de Alexandre Vidal Porto

Papis et circensis | contos

de José Roberto Torero

As maçãs de antes | poesia

de Lila Maia

2013

Meu primeiro morto | romance

de Jaci Palma

Ensaio sobre o entendimento humano | contos

de Caetano Galindo

Fábulas para adulto perder o sono | poesia

de Adriane Garcia

2014

Operação Impensável | romance

de Vanessa Barbara

No início | contos

de Adriana Griner

Fios | poesia

de Sônia Barros

EM BUSCA DE CURITIBA | MARCIO RENATO DOS SANTOS





BICICLETAS DE CURITIBA

Minhas pernas doem, espero que não seja inflamação nos músculos, mas, enfim, pedalo nessa rodovia que vai me levar até o meu amor. Chego suada, ele gosta e diz que até prefere assim. Fazer o quê? Se eu morasse em Curitiba, tudo seria diferente. Mas sou de Piraquara que, na real, é logo ali.

Poderia vir de carro, mas desde que conheci o Bernardo estou pedalando. Ele curte esse lance de cicloativismo, novos modais, menos carros, mais gente de bike nas ruas.

Me apaixonei pelo Ber, apesar da gente nunca ter transado. Ele sofre de disfunção erétil. É broxa. E mesmo sem transar estou a fim. O Ber me abriu um novo horizonte. É a primeira vez que namoro um carinha que curte esse som e, mais que tudo, essa visão de mundo pós-Los Hermanos.

Sigo nessa rodovia, está demonstrando, e lembro que há alguns meses eu ainda morava em Campo Largo e também tinha que pedalar por uma rodovia para chegar até o Nonô, que é como eu chamo o Ber quando ficamos juntos — o que, lamento, não está acontecendo ultimamente.

Ele gosta, demais, de frequentar eventos a céu aberto. E eu o acompanho. Tem réveillon fora de época, bloco de carnaval no

centro histórico, cerveja, vira e manjubinha na calçada. Muita gente participa e, não fosse pelo Ber, talvez eu não tivesse acesso. Os homens, em sua maioria, usam o mesmo uniforme: all star, jeans, camiseta de banda ou camisa de brechó e barba. As mulheres vão de saia, sandália e unhas por fazer. Tenho a impressão de que eles, e elas também, não tomam banho todos os dias.

Mas o que me chama atenção é o comportamento desses caras: andam devagar, quase se arrastando, falam baixinho, pra dentro, sorriem e dão a impressão de serem molinhos, a começar pelo aperto de mão. O Ber é assim. Os amigos e os conhecidos dele também são.

Um ônibus buzina e quase perco o controle. Preciso prestar mais atenção no trânsito.

A Bruna, uma de minhas melhores amigas, diz que estou cometendo um equívoco. Ela acha que esses caras, o Ber e os amigos dele, são todos uns frouxos, e eu ainda nem contei, pra ela, que o Ber é broxa. Ou melhor, está broxando — pelo menos é o que ele fala pra mim. “Mas vai passar, tenha certeza. E não tenha pressa. Eu te amo”, ele susurra nos meus ouvidos.

A Juzinha, minha amiga desde a infância, insiste para que eu me afaste

desses caras que, na opinião dela, são uns *losers* e se assustam com a ideia de casar, ter filhos, conseguir um bom emprego e, enfim, assumir a vida adulta. Eu acabei me afastando da Juzinha. Tenho outra opinião.

Já namorei playboy, executivo, surfista, pós-graduado, uns canalhas, brutos e insensíveis. Estou em uma das melhores fases da minha vida profissional, com um salário que nunca imaginei que iria receber e quero mais é viver com gente relax.

Nunca presenciei briga nesses eventos a céu aberto. A turma do Ber é da paz. A Mari já me perguntou: o que será que eles fazem com a agressividade? Não tenho a resposta. Sei que escutam as canções do Cícero, do Jeneci, do Apanhador Só e de Todos os Caetanos do Mundo.

Agora, estou em Curitiba — essas viagens de bike são ótimas, e perigosas, mas penso durante a ida e a volta e isso é valioso.

O que está acontecendo? Por que toda essa movimentação em frente ao apartamento do Ber?

— Sim. O meu nome é Cassandra.

Um policial conversa comigo. Deixo a bicicleta no muro, sento na calçada e alguém me entrega uma garrafa de água mineral. Bebo um, dois, três

goles. Não sei se entendi, exatamente, o que o policial me disse.

Há algumas horas, um motorista seguiu dois ciclistas após receber uma fechada em uma avenida do centro. O condutor de um Fox foi tirar satisfação, levou duas facadas e morreu dentro da ambulância, antes de chegar no hospital. Um dos ciclistas se chama Roberto. O outro é o Ber. Eles fugiram.

E isso não é tudo.

Na quinta-feira da semana passada, um homem de 89 anos estava caminhando na faixa de pedestre, foi atingido por um ciclista e morreu. O acusado é o Ber, o meu Ber, que, de acordo com a polícia, responderá, neste caso, por homicídio culposo.

O policial que falou comigo também disse que o Ber e os seus amigos são investigados, há algum tempo, na operação “Cara estranho”, que apura crimes cometidos contra pedestres, incluindo atropelamentos, sobretudo à noite, em ciclovias.

Fui intimada, vou ter que prestar depoimento e começo a desconfiar que estou dentro de um pesadelo de onde eu gostaria de sair imediatamente e acordar, agora, na minha cama, se possível, ao lado do Ber, daquele Ber fofinho, molinho, fã de pós-rock e broxa, mas da paz. ■



CENA LITERÁRIA

Música ultralírica

Partindo de Leminski e o primeiro disco do Blindagem, Curitiba tem na relação entre música e poesia um dos elementos definidores da cultura da cidade

IVAN SANTOS

Já vai longe o tempo em que o relacionamento entre a poesia e a música era visto como um embaite incestuoso entre “alta” e “baixa” cultura. Afinal, em um país onde nosso maior compositor — Antonio Carlos Jobim — tem como um de seus principais parceiros o poeta e diplomata Vinícius de Moraes — que publicou livros antes de ter a primeira música gravada — não faz sentido insistir em separar duas expressões artísticas fundamentais para a compreensão da cultura e da identidade nacional.

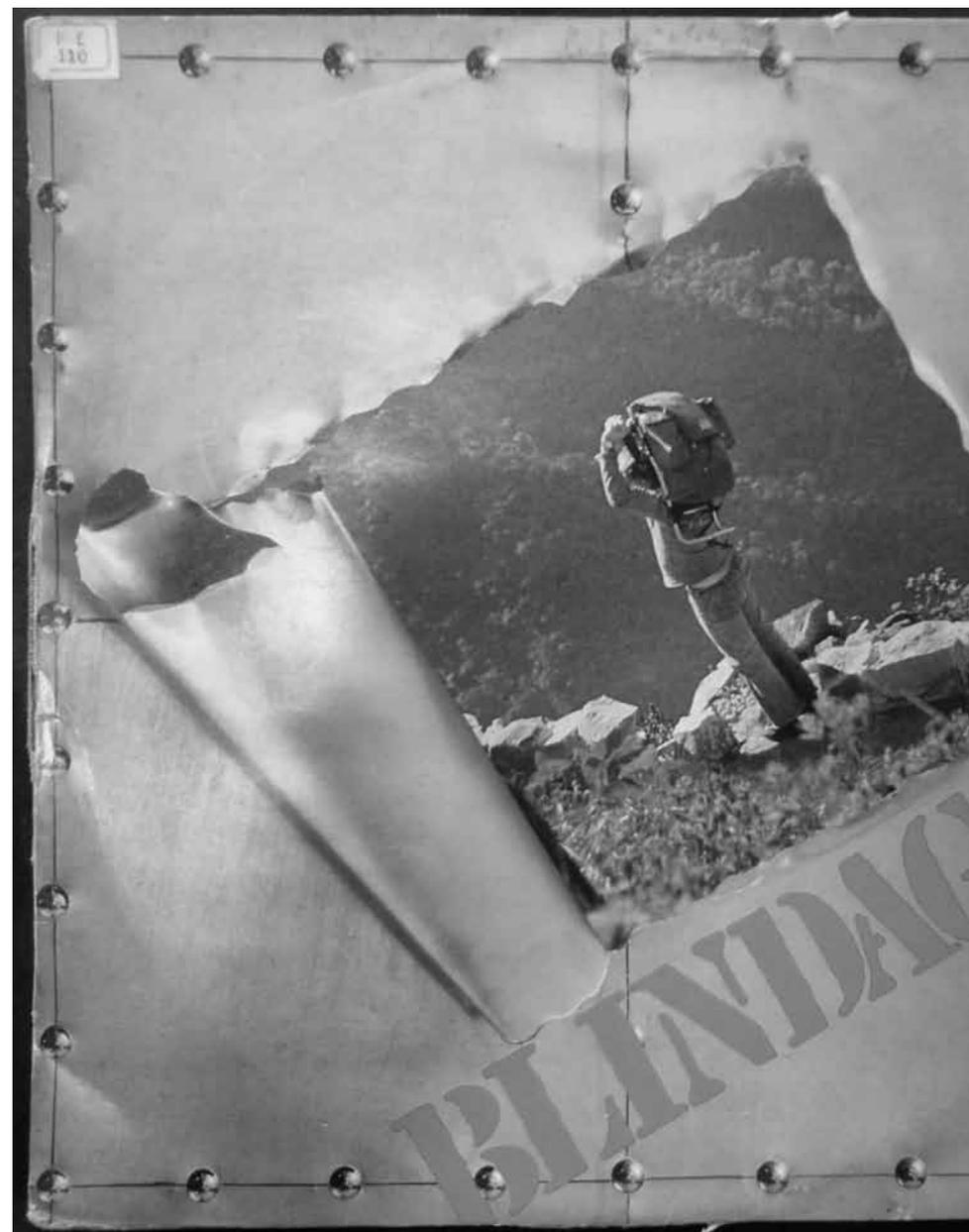
Em Curitiba, essa relação parece ainda mais definidora do *ethos* da produção artística da cidade. Nosso artista e escritor mais conhecido e pop (Dalton é clássico), Paulo Leminski, é também parceiro do mais importante registro fonográfico da música paranaense — o primeiro e homônimo disco da banda Blindagem, lançado pela gravadora Continental em 1981 — e no qual nove das doze faixas trazem o nome de Leminski nos créditos.

Leminski é sem dúvida o exemplo mais emblemático dessa linhagem de poetas que fazem música, ou músicos que escrevem poesia, e que se espria até os dias de hoje, desaguando não por acaso em trabalhos como o da Banda Mais Bonita da Cidade. O maior fenômeno pop contemporâneo da capital paranaense surgiu em 2009 e “estourou” em 2011

com o vídeo viral da canção “Oração”, tendo justamente como proposta inaugural o registro de canções de compositores nativos, e como parceiros figuras como Luiz Felipe Leprevost e Alexandre França.

“A meu ver, as melhores músicas do Blindagem são as que foram compostas em colaboração com Leminski, especialmente a parceria Ivo Rodrigues/Paulo Leminski. O primeiro disco do grupo é um clássico do *rock* nacional. E está ligado a uma vertente importante da música setentista, aquela que transita entre o *rock'n'roll* (Mutantes, Tutti-Frutti, Rita Lee) e o *rock* rural (Sá, Rodrix & Guarabyra)”, diz o professor de Literatura da Universidade Federal do Paraná Marcelo Sandmann, ele mesmo poeta e compositor, com livros e discos lançados, autor de músicas e letras que integram o repertório de importantes grupos e artistas locais, como o Fato, Rogéria Holtz e Alexandre Nero, para ficar em alguns dos mais conhecidos.

Fiel ao espírito da contracultura de viver poucos anos a mil, Leminski foi muito além do Blindagem ou das parcerias com artistas nativos. Sua obra musical foi abraçada por grandes nomes como Caetano Veloso — que gravou “Verdura”, última faixa do primeiro disco do Blindagem, no LP *Outras palavras*, do mesmo ano — e uma lista que inclui ainda A Cor do Som, os novos baianos Moraes Moreira e Paulinho Boca de Cantore Edvaldo Santana, entre muitos outros.



O primeiro disco da banda Blindagem é um marco do rock paranaense e conta com nove letras assinadas por Paulo Leminski, sozinho ou em parceria.

Divulgação

Essa linhagem passa também por Alice Ruiz, companheira de versos, canções e vida de Leminski, mãe de três filhos do poeta, autora de mais de duas dezenas de títulos de poesia, letrista com parcerias com músicos como Itamar Assumpção, Arnaldo Antunes, José Miguel Wisnik, Zeca Baleiro, Waltel Branco e Alzira Espíndola. E desemboca no casal Estrela Ruiz Leminski e Téo Ruiz e seu projeto “Música de Ruiz” — com quatro discos, sendo o mais recente deles “Leminskações”, lançado em agosto de 2014, no qual a filha do poeta interpreta, ao lado de seus parceiros, a obra do pai.

A poesia vai ao punk (e vice-versa)

Nos anos 1980, uma outra trupe de Curitiba assume o desafio de embaralhar música e poesia, claramente influenciada pela geração anterior, capitaneada por Leminski, mas também trazendo à cena um novo *background* de referências estéticas — sejam literárias ou sonoras. Esse grupo se aglutina no rastro do movimento *punk* e em torno da banda Beijo AA Força (antecedida pela Contrabanda), abastecido pelos textos dos irmãos Marcos e Roberto Prado e de outros poetas como Thadeu Wojciechowski, Sérgio Viralobos, Arnaldo Machado e Edilson Del Grossi. “Com relação ao BAAF, é preciso lembrar que o trabalho de criação



Sem suingue, da banda Beijo AA Força, lançado em 1995, foi citado recentemente pelo crítico Hermano Vianna, que o considera um dos grandes discos da música brasileira. O álbum traz letras assinadas por poetas como Marcos Prado, Thadeu Wojciechowski e Sérgio Viralobos.

deles é feito a muitas mãos, quase sempre com mais de um poeta/letrista atuando na parceria, daí não ser muito fácil avaliar o peso de cada colaboração individual. Tem uma coisa fortemente ligada ao *punk*, na intenção, mas o resultado é muito mais multifacetado do que o *punk* típico”, diz Sandmann, destacando que o crítico Hermano Vianna classificou recentemente o segundo disco do BAAF, *Sem suingue* (1995), como “um dos melhores discos já gravados no

Brasil”, ombro a ombro com obras-primas como o clássico *Acabou chorare*, dos Novos Baianos.

“As parcerias nos anos 1980 eram, na maioria das vezes, com a música sendo feita sobre uma letra pronta. Algumas vezes as letras precisaram ser editadas para se ajustarem à métrica musical. Outras vezes as letras foram feitas sobre músicas”, explica o guitarrista do BAAF, Luiz Antonio Ferreira. “Também compusemos e ainda compomos músicas e

Divulgação

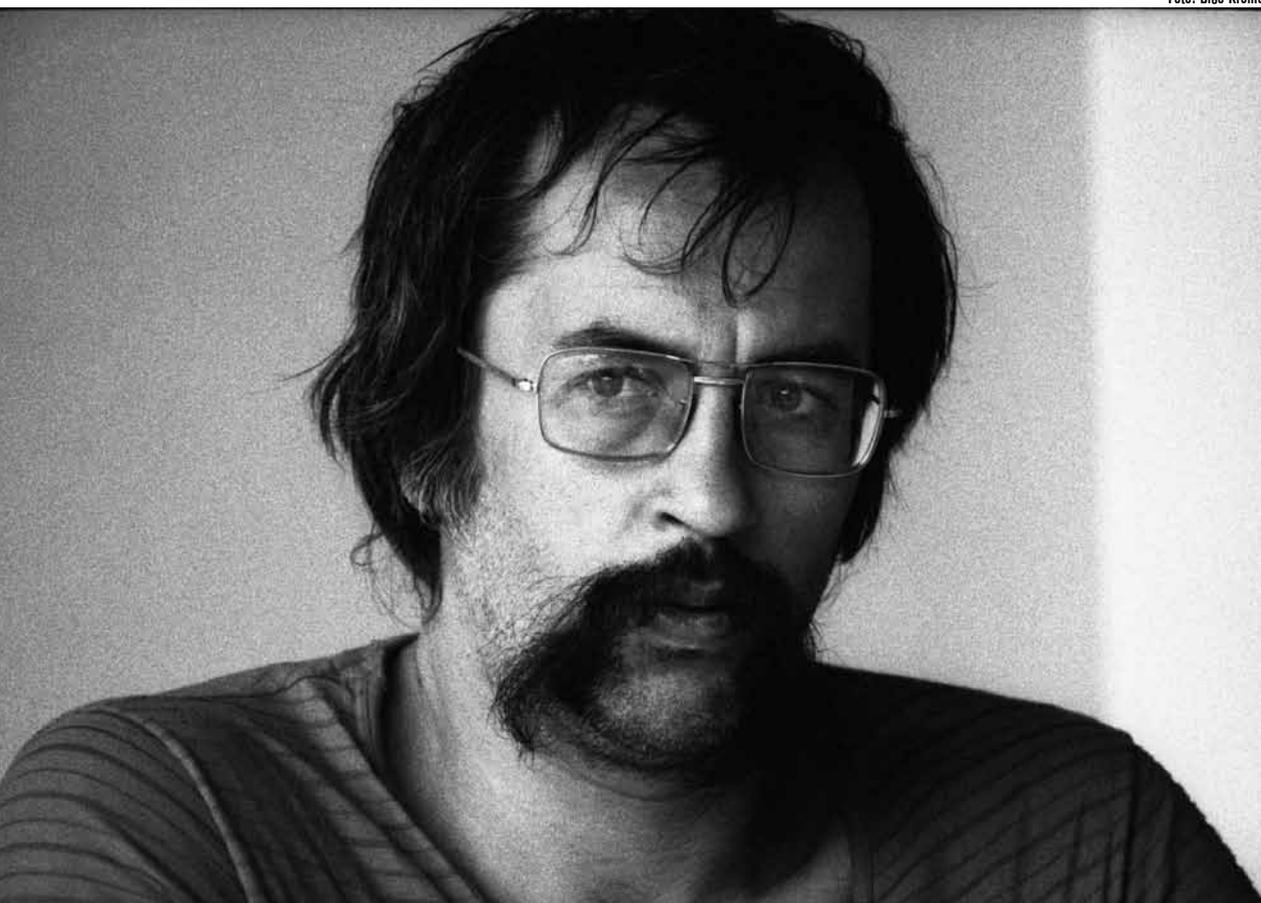


Foto: Dico Kramer

“O que dificulta a aproximação com o público é a precariedade ou a simples inexistência de mediações à altura, seja aqui em Curitiba, seja em muitos lugares do Brasil. E por ‘mediação’ eu entendo imprensa, rádio, TV, crítica musical, gravadoras, produtores, empresários, em síntese, todos aqueles que estão entre o público e os artistas.”

Marcelo Sandmann, letrista e poeta

Além das parcerias com a banda Blindagem, Paulo Leminski escreveu letras gravadas por Caetano Veloso, Paulinho Boca de Cantor e Moraes Moreira.

letras ao mesmo tempo, geralmente em ‘tertúlias’, onde a música e a poesia são sempre um ótimo pretexto para degustar uma carne bem assada, beber cervejas e dar muitas risadas”, conta o músico.

“São pessoas de origens e formações diferentes que se uniram pela ousadia, pela experimentação, pelo bom humor, pela coragem de enfrentar a jequice, por optar preferencialmente pela alegria em um ambiente cultural que então, em grande parte, respirava uma tristeza mórbida”, define o poeta Roberto Prado que, junto com o irmão Marcos, é um dos principais parceiros dessa trupe.

Em 2005, foi lançado pela Travessa dos Editores *Ultralyrics* — combo que reúne um livro com versos de Marcos Prado, organizado pelo diretor teatral Felipe Hirsch, e o CD *Aquelas*

canções do Marcos Prado, coletânea de músicas compostas pelo BAAF em parceria com o letrista considerado a figura mais influente do *punk* e do *pós-punk* da capital paranaense. “*Ultralyrics* rompe a arbitrária divisão, feita pela crítica latifundiária, que tenta separar a rica (e menosprezada) letra de música da pobre coitada (e mistificada) poesia”, comentava Roberto Prado na época do lançamento.

A regra é a falta de regras

Para Thadeu Wojciechowski, que além do BAAF, é parceiro constante do Maxixe Machine — banda que nasceu a partir do grupo *punk* para tocar um repertório inclassificável que vai de sambas antigos a polcas, passando por marchinhas de carnaval e canções infantis

—, essa relação entre poesia e música em Curitiba se desenvolveu naturalmente e de forma absolutamente orgânica. “Somos muito amigos e nos admiramos mutuamente, mas além disso temos um traço em comum que é querer sempre inventar, revolucionar, criar algo novo e se divertir fazendo isso. Cada encontro nosso é uma festa e um festival de barbaridades”, diz.

Sobre a forma como as canções do grupo nascem, ele explica que é muito variável e depende das circunstâncias. “Os parceiros é que decidem, já fiz muito poema que virou letra. E já recebi dezenas de gravações com poemas que nunca imaginei como letras de música”, confessa.

De acordo com Wojciechowski, a fronteira entre poesia literária e música popular é cada vez mais difícil — ou

até mesmo dispensável — de ser traçada. “Desde o século XVII, Gregório de Matos, o Boca do Inferno, já unia as duas artes. Muitas das canções populares da Bahia levavam o seu gênio. Ele mesmo tocava sua viola e cantava algumas. Essa tradição percorre toda nossa história. Noel Rosa foi um dos expoentes. Cartola, Nelson Cavaquinho, Chico, Caetano, Gil e Leminski levam a dupla marca de grandes poetas e grandes músicos. Estou aí no meio fazendo bagunça”, brinca.

Essa mesma falta de regras no processo criativo perpassa o trabalho do grupo Fato, que desde 1994 se dedica a musicar e difundir a obra de autores paranaenses — com 43 compositores gravados e interpretados, 38 deles daqui da “terrinha” —, entre eles o próprio Wojciechowski, Sandmann, Arnaldo



Reprodução

O poeta e letrista Marcelo Sandmann tem diversas letras musicadas pelo grupo Fato.



Reprodução

Os poetas-letristas Thadeu Wojciechowski, Edilson Del Grossi, Roberto Prado e Marcos Prado em foto dos anos 1980.

Machado, Luiz Felipe Leprevost, Luiz Antonio Fidalgo e Amarildo Anzolin. “Acho que a maioria dos textos musicados por nós nasceram de poemas já existentes. A maioria, não a totalidade. Parcerias e colaborações também existem, mas em menor número”, explica Ulisses Galetto, produtor e baixista do grupo. “Não sei exatamente o impacto disso em nosso trabalho, mas sei que alguns desses autores só têm suas músicas registradas por nós, o que é uma pena. Seus talentos são muitos, ainda por serem reconhecidos aqui e em todo o Brasil”, diz.

Um capítulo à parte da produção dessa geração pode ser encontrado também na parceria da banda Opinião Pública, contemporânea do BAAF, com o poeta e letrista Arnaldo Machado, dono de um texto bastante *sui generis*, com experimentações linguísticas da vanguarda literária, que segundo Sandmann remete à poesia concreta, “e coisas que Leminski faz no *Catatau* e Haroldo de Campos em *Galáxias*” e a uma matriz que na avaliação do professor da UFPR vem de James Joyce — *Ulisses* e *Finnegans Wake*. “Arnaldo gosta de neologismos, palavras-valise

(na expressão joycena, que combinam diferentes vocábulos, como o famigerado ‘Perhappiness’), trocadilhos, jogos de palavra, muito humor e nonsense”, explica.

Se há consenso entre os criadores — poetas e músicos — de que a união das duas expressões ajuda o texto literário a atingir um público mais amplo, também é corrente a opinião de que o caráter mais intelectualizado dessa produção não representa um empecilho à aproximação desse mesmo público. “O que dificulta a aproximação com o público é a precariedade ou a simples inexistência de mediações à altura, seja aqui em Curitiba, seja em muitos lugares do Brasil. E por ‘mediação’ eu entendo imprensa, rádio, TV, crítica musical, gravadoras, produtores, empresários, em síntese, todos aqueles que estão entre o público e os artistas”, avalia Sandmann. “Acho que pode haver uma relação entre ‘grande-público-música popular-poesia’, mas o nó da questão está, a meu ver, nas estruturas da indústria, concentradora e pouco receptiva à novidades. Tanto para a literatura quanto para música”, considera Ulisses Galetto. ■

“A separação da poesia escrita e cantada é arbitrária”

IVAN SANTOS

Foto: Bobel Oliveira



O poeta e letrista curitibano Roberto Prado é, até o momento, autor de apenas um único livro publicado, a coletânea de poemas *Sim senbor às suas ordens isto é um motim* (1994). Mas ele assina dezenas, talvez centenas, de letras de canções, algumas criadas em parceria — gravadas, entre outros, pelas bandas Beijo AA Força, Maxixe Machine e Fato. Prado transita pela poesia e pela letra de canções e, nesta entrevista, diferencia as duas vertentes artísticas. “A letra de música tem as mesmas exigências do poema. Com a diferença de que pode contar com o suporte melódico/harmônico da canção. Às vezes, o texto sozinho, sem este suporte, pode-se revelar mais fraco que o cantado, como se sentisse a falta de alguma coisa”, diz o poeta. Ele também fala sobre a cena poética e musical de Curitiba e critica a falta de agentes culturais que façam o meio de campo entre artistas e público: “Por incrível que pareça, não existem empresários especializados na área cultural. Talvez seja um problema

de desenvolvimento econômico, uma falha em nosso capitalismo rudimentar, que ainda não sabe comercializar bens culturais, assim como não consegue desenvolver ciência e tecnologia próprios. O povo tem uma palavra boa pra definir isso: somos ‘jacus’.”

Para você, o interesse em produção literária/poesia surgiu simultaneamente à música, ou algo veio antes e puxou a outra?

Chegou junto, desde muito piá. A minha geração teve o privilégio de acompanhar o nascimento de uma poderosa geração de *poet heroes* da música popular. Chico, Caetano, Gil, Torquato, Milton, Tom Zé, Vandrê, Mutantes e tantos outros, o próprio Vinicius, já consagrado em livro. Fora os internacionais. Claro, óbvio e evidente que também devorei avidamente todos os poetas por escrito que encontrei pela frente. Não domino nenhum instrumento, toco violão para mim mesmo e arranho canções, mas não a ponto de compor. Sou letrista e ousou dar os meus palpites no ritmo, na divisão, na melodia.

A literatura em geral e a poesia em particular são vistas muitas vezes como algo distante da realidade das pessoas comuns, “intelectualizado” demais, ou pra usar um termo popular — “cabeça”. Você acha que a união da poesia com a música ajuda a atingir um público mais amplo, que normalmente não leria poesia?

Sem dúvida. Pouca gente tem cultura musical e literária suficiente para perceber o ritmo, o encadeamento, o batuque das sílabas, das palavras e do silêncio existentes em um poema por escrito. A música ajuda a deixar este aspecto mais evidente. Mas o ideal seria educar as pessoas para que elas próprias fossem capazes de elaborar mentalmente as melodias presentes na poesia. Quando você aprende a ler, o poema é uma diversão, um prazer, uma aventura do espírito. Mas às vezes a poesia pode ser realmente difícil de engolir e digerir. Nesta hora, temos que lembrar que a mente, o cérebro, necessitam de vez em quando de algo com mais sustança, mais fibra, mais conteúdo concentrado. Não se forja indivíduos livres, saudáveis e mais felizes alimentando a alma apenas com mijoos e bolachas recheadas culturais. Às vezes o desafio, o mistério, o grau de dificuldade de uma obra é o que a torna essencial.

Acha que o trabalho da geração de poetas/músicos da qual você faz parte reflete de certa forma o “ethos” da cultura e do “homem” curitibano?

Creio que sim. Nas obras desse grupo você encontra doses generosas de humor ácido e vemos a alma provinciana esquartejada sem dó, a (auto) crítica feroz e sem limites, o aproveitamento de temáticas locais por mais banais e jacus que pareçam, a profunda integração entre vida e obra, mesmo que esta não seja sempre, necessariamente, autobiográfica.

Foto: Bebel Oliveira



Qual a diferença entre escrever poesia e compor letra de música? Acha que a poesia exige um rigor formal e uma preocupação com inovação estética que a letra de música não necessariamente tem?

A letra de música tem as mesmas exigências do poema. Com a diferença de que pode contar com o suporte melódico/harmônico da canção. Às vezes, o texto sozinho, sem este suporte, pode-se revelar mais fraco que o cantado, como se sentisse a falta de alguma coisa. Em outras, ele sobrevive tranquilamente no silêncio do papel. Na realidade, historicamente, a poesia publicada em livros é uma linguagem bem mais nova que a canção. Passaram-se milhares de anos até aparecer o primeiro poema publicado. A poesia da antiguidade era cantada. Os poetas de Provença, como Arnaut Daniel, alcançaram níveis elevadíssimos de qualidade literária, musical e, sobretudo, de capacidade inventiva. A separação da poesia escrita e cantada é, na maioria das vezes, uma divisão arbitrária. Só para citar dois exemplos famosos, o Caetano Veloso e o Walter Franco musicaram poemas ditos “visuais”, concretos. O rigor formal e a inovação estética podem (e na minha opinião, devem) estar presentes nas duas modalidades.

A poesia e a literatura são vistas muitas vezes como algo mais “nobre”, “alta cultura”, diferentemente da música popular, que por vezes é vista como algo banal, comercial ou até “vulgar”, baixa cultura, afinal. Como você vê essa relação? Acha que essa é uma visão já totalmente superada?

Deveria estar, pois é uma visão falsa, limitada e sem nenhum embasamento científico, histórico. Shakespeare era popular, lotava teatros e não deixou de ser o que é e ter a importância que teve. No Brasil, temos uma brutal ignorância nos dois sentidos, poético e musical. O ensino da música deveria

ser parte integrante do currículo desde o primeiro ano e não existir apenas na forma de aulas extras em colégios particulares. A música é um patrimônio milenar da espécie humana, uma parte integrante da sensibilidade e da inteligência do cidadão. Sem uma educação específica nesta área, a maioria das pessoas vira massa, vira presa fácil da ganância da indústria e do comércio culturais. Aí, dá a impressão que música é porcaria. Mas se o povo começar a ler, vai descobrir que existe muita porcaria escrita também...

Como vê a relação dessa produção musical-literária curitibana com o público?

Em Curitiba, a criação literária, poética e musical se desenvolveu anos-luz à frente do mercado. Onde estão os *managers*? Falta capitalismo. Para comprovar isso, basta observar que o artista local não conta com quase nenhum suporte profissional para viver da sua arte. Por incrível que pareça, não existem empresários especializados na área cultural. Talvez seja um problema de desenvolvimento econômico, uma falha em nosso capitalismo rudimentar, que ainda não sabe comercializar bens culturais, assim como não consegue desenvolver ciência e tecnologia próprios. O povo tem uma palavra boa pra definir isso: somos “jacus”. Existe produto, existe público, existe um razoável circuito de casas de espetáculos. Falta alguém que intermedie profissionalmente os nossos artistas e os faça presentes de forma decente diante do público local, nacional, mundial. Os criadores, em geral, são péssimos divulgadores da sua arte e piores ainda vendedores do seu trabalho. Precisamos de um choque de capitalismo nesta área. Por incrível que pareça, somos trabalhadores em busca de patrões. Pois tocar em botecos por duas mariolas, uma gasosa Cini e um pão com banha não dá comida a ninguém e é uma vergonha para uma cidade onde rola tanto dinheiro. ■

Festival de feiras

A proliferação dos festivais literários movimentam a cultura e o negócio do livro, mas também traz dilemas aos autores, como a necessidade de aparecer em público em detrimento da escrita

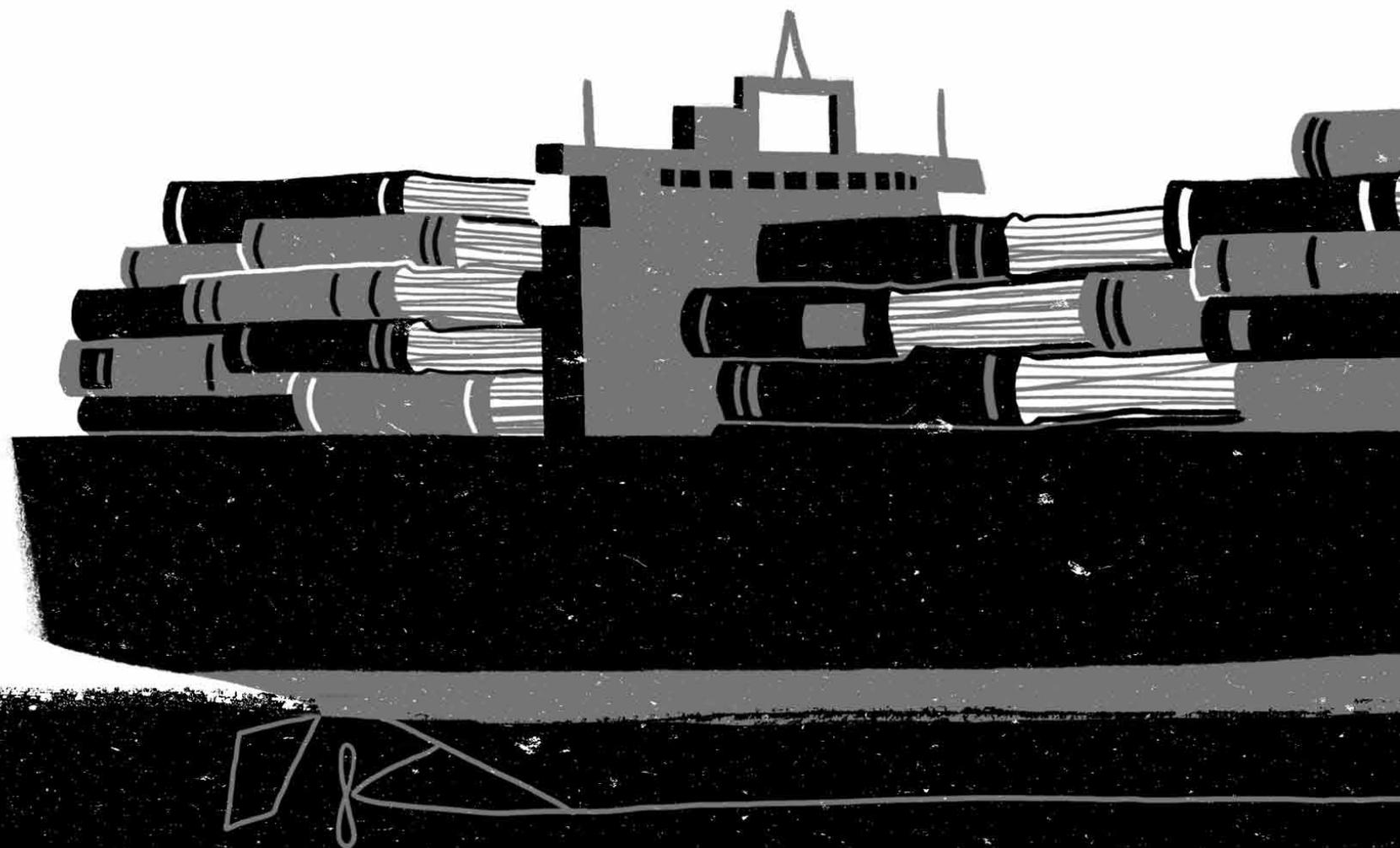
BEN-HUR DEMENECK

Em 2011, havia 75 feiras literárias cadastradas no “Circuito Nacional de Feiras de Livro”. No ano seguinte, a Fundação Biblioteca Nacional e a Câmara Brasileira do Livro (CBL) contabilizavam 200 eventos. Dezenas de feiras eram recém-instaladas ou estavam em fase de consolidação por iniciativa de cidades pequenas e médias.

O volume de eventos literários muda a economia do livro, causando impacto direto na rotina dos autores. Em termos culturais, persiste o desafio de as

feiras não serem apenas eventos que se esgotem em si mesmos, mas que consigam apoiar uma movimentação cultural nas cidades que os sediam. No plano mais cotidiano da literatura, feiras se tornam objeto de discussão nos bate-papos organizados entre autores e leitores.

“Feira”, “festival”, “bienal”, “salão” e “jornada” são diferentes conceitos que se espalham pela geografia brasileira. Somada à influência de feiras tradicionais como a de Porto Alegre, a propagação de eventos literários passa também pela visibilidade



midiática. A pequena Paraty ganha matérias de dois minutos no Jornal Nacional e crava seções “FLIP” em cadernos culturais e portais de internet. Também não faltou cobertura para os 720 mil visitantes que estiveram na mais recente Bienal de São Paulo, nem para as cenas de desmaio e choro na sessão de autógrafos de Cassandra Clare no mesmo evento.

Literatura de viagem

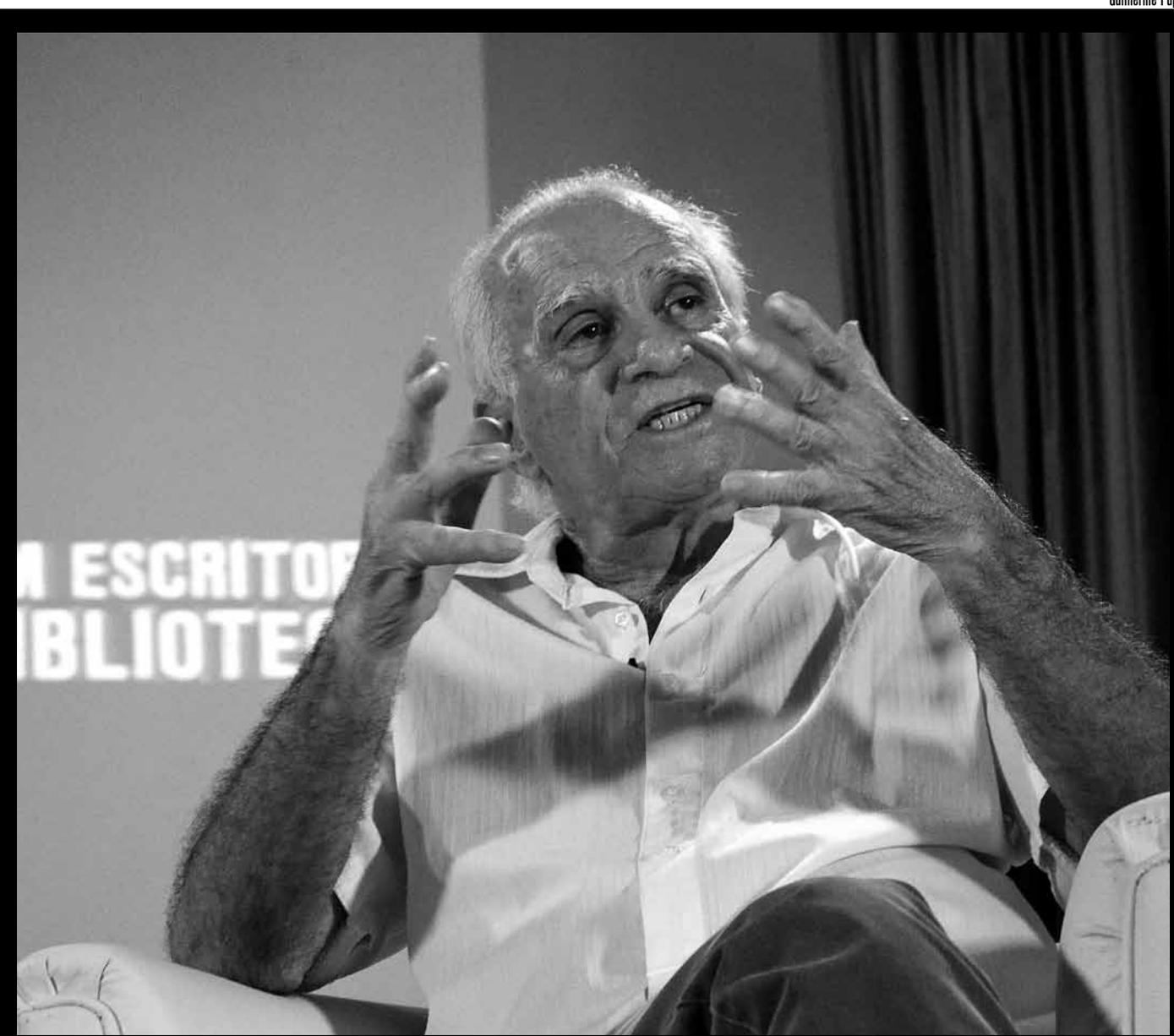
“O escritor brasileiro contemporâneo é completamente diferente daqueles

que nos antecederam por gerações. Este autor tornou-se um viajante”, escreve Ignácio de Loyola Brandão em seu livro mais recente, chamado *O mel de Ocara*. Em 2013, Loyola passou por pelo menos 46 cidades e pouco depois de responder a reportagem iria ao Ceará, para a FLAQ (Festa Literária de Aquiraz), participar de evento dedicado aos 40 anos da publicação de seu romance *Zero*.

“[Apesar das viagens] minha rotina permanece. Aliás, o que prejudica um autor é a sua não vontade de escrever”, diz Loyola. Além de ter dezenas de



Guilherme Pupo



Ignácio de Loyola Brandão é dos escritores brasileiros que mais viaja pelo país. *O mel de Ocara*, publicado em 2013, traz crônicas inspiradas nas andanças do autor pelo interior do Brasil.

“Um tema que seria interessante [de sistematizar] numa feira de livro, bienal, seria saber como determinado escritor lê Guimarães Rosa. Ou como aquele escritor lê *O amanuense Belmiro*, do Cyro dos Anjos, que é um grande romance e um livro meio esquecido”,

Milton Hatoum, autor de *Dois irmãos*.

livros publicados e manter desde 2005 uma coluna n’*O Estado de S. Paulo*, o autor nascido em 1936 dá pistas de onde vem a motivação de seu nomadismo: “Quando conheci um escritor importante, eu tinha quase 25 anos. Essas figuras eram importantes, se achavam, se mostravam e agiam como importantes. E eles mantinham a distância. Quem sabe, num futuro distante, um daqueles meninos se lembre de um escritor carrancudo que chegou à escola dele, no interior de Goiás? Se isso acontecer, já valeu a minha ida”.

Ignácio faz alusão a sua participação na Festa Literária de Pirenópolis, em que iria tomar café da manhã com crianças de escolas urbanas e rurais como parte da programação. Para ele, ações como essa transcendem a questão de formação de leitores. Significa des-sacralizar a literatura, torná-la acessível, prazerosa. E aproveita para fazer um aparte: “A avalanche de eventos literários, ao contrário do que muitos pensam, não se deve apenas à FLIP”. Ele enumera várias ações, como a Jornada de Literatura Nacional de Passo Fundo, a Feira de Livros de Porto Alegre, a Feira PanAmazônica (Belém), o Salipi (Teresina), os Encontros Sul Americanos de Corumbá e as Viagens Literárias promovidas anualmente pela Secretaria de Cultura de São Paulo.

Para o escritor André Sant’Anna, nascido em 1964, “as feiras literárias são uma sofisticação, um *plus*, em relação à cultura brasileira, já que, nelas, no mínimo, qualquer pessoa pode encontrar um bom livro e crescer individualmente, intelectualmente. A FLIP, por exemplo, exatamente por ser uma espécie de ‘Disneylândia’ literária, faz com que muita gente que não tem o hábito de ler, acabe se interessando pelos livros”, diz Sant’Anna.

Segundo ele, a única coisa “chata” para o escritor no modelo brasileiro, é que, vez ou outra, ouve “que está gastando dinheiro público, que faz parte de painelinhas literárias e essa bobagem toda”.

“Autores críticos podem incomodar, então não recebem tantos convites para feiras quanto aqueles de comportamento chapa-branca”,

Ricardo Lísias, autor do romance *Divórcio*.

Cia das Letras



Para André Sant'Anna, autor de *O paraíso é bem bacana* e *O Brasil é bom*, a participação em feiras e bate-papos não afeta sua produção literárias. Para ele, “não há nada como um quarto de hotel neutro, numa cidade desconhecida, para escrever”.

Por outro lado, considera que o encontro com colegas colabore com seu processo criativo e que “não há nada como um quarto de hotel neutro, numa cidade desconhecida, para escrever”.

Feiras e espetáculos

“Os autores que resolveram encarar eventos literários, de alguma maneira, afiaram seu discurso. Eu fui um deles. Sempre preparo ao menos as ideias centrais do que vou abordar, um roteiro, para poder ser o mais conciso e objetivo possível nas falas. O lado ruim disso tudo é que parte do público acaba associando o sucesso de um autor ao número de eventos que participa, ou o quanto ele sai na mídia. E isso é ridículo porque uma obra se constrói com calma, livro a livro, e não indo a eventos”, analisa o escritor Carlos Henrique Schroeder, que estima ter

participado nos últimos cinco anos de 50 a 60 eventos literários.

Schroeder acredita também que os curadores de eventos podem ser mais ousados. “Se o autor aceitou o convite, é porque quer conversar à sua maneira, seja qual for. Escritor não é palhaço, não precisa dar *show*, mas sim ser coerente com sua obra, com o que ela representa”, diz Schroeder que, além de ser autor de nove livros, entre eles o romance *As fantasias eletivas*, lançado este ano, tem experiência como curador do Festival Nacional do Conto, evento que ajudou a criar em 2011.

O fato de a obra acabar perdendo lugar para o perfil do escritor é uma discussão “decisiva” ao se pensar o padrão das feiras de livros, segundo Ricardo Lísias, que é autor de cinco romances e já foi finalista dos prêmios Jabuti e

Divulgação



Escritor e curador, Carlos Henrique Schroeder criou em 2011 o Festival Nacional do Conto, o único do gênero no país. Para ele, as feiras têm também um efeito adverso: parte do público acredita que o sucesso literário está ligado ao número de eventos que o autor participa.

Matheus Dias/Rascunho



Ricardo Lísias acredita que, por muitos eventos serem patrocinados por prefeituras e governos estaduais, alguns autores se recente em falar sobre vários temas. “Isso explica um certo comportamento chapa-branca, muito comum no *establishment* literário brasileiro”, diz.

São Paulo de Literatura. “Autores críticos podem incomodar, então não recebem tantos convites quanto os de comportamento chapa-branca. Eu recebo uma boa quantidade de convites, mas isso se dá também porque meu romance *Divórcio* acabou se tornando popular. Então, alguns organizadores sabem que meu nome atrai público. Outros querem alguém que diga o que pensa. Mas há de fato discriminação”, reconhece.

Na Bienal Internacional de São Paulo, em mesa sob mediação de Manuel da Costa Pinto, Lísias contextualizou sua visão de mundo com temas como crise da USP, cotas raciais e o conservadorismo jurídico. O escritor acredita que externar opinião em certos eventos, principalmente aqueles organizados pelo poder público

local, prefeituras e governos de Estados, podem incomodar os organizadores. “Os escritores que querem ir a muitos eventos, inclusive por razões financeiras, não podem manifestar-se politicamente. Isso explica um certo comportamento chapa-branca, muito comum no *establishment* literário brasileiro.”

Salão do automóvel

O fundador e editor da L&PM Ivan Pinheiro Machado considera haver uma distorção entre a realidade editorial e as feiras literárias. Como o espaço físico tende a ser dominado por livrarias, o leitor passa por diferentes estandes e encontra destaque para os mesmos títulos porque isso aumenta a chance de lucro para o livreiro. A consequência

é que o frequentador da feira não toma contato com a diversidade da produção editorial brasileira.

“Para mim, o melhor modelo é o Salão do Livro de Paris. Por que ele é importante? Porque só tem editor. E não tem mega-estande, pois há um limite de investimento. Você entra lá e sabe que vai ver toda a produção francófona, pois tem desde a micro-editora até a Gallimard. É óbvio que o estande da Gallimard é maior, mas ele não é mais pomposo. Não tem pirâmides saindo fogo, ou letreiros em *neon*. Tudo tem um padrão”, opina Ivan.

Ainda que o editor reconheça o valor positivo das feiras, o “PM da L&PM” aposta é nas bibliotecas e nas livrarias e considera sintomático que, apesar da força da Feira de Porto Alegre, o Estado do Rio Grande do Sul não tenha conseguido garantir a permanência de duas grandes instituições — as editoras Globo e Sulina (“cada uma tinha 23 lojas”). Perguntado a respeito do modelo das bienais, brinca que montar um estande de 100 metros quadrados por cerca de R\$ 200 mil é digno de um salão de automóvel.

Infantil

A faixa etária e o volume de público causaram um choque cultural no crítico norte-americano Hans Ulrich Gumbrecht

ao vir para a 23ª Bienal de São Paulo, onde lançou dois livros e também participou de uma mesa sob mediação de Rogério Pereira. O crítico sugere que, mais que uma difusão cultural, uma feira do livro funciona como uma forma de colaborar com a distribuição econômica dos livros.

Gumbrecht é professor de Literatura Comparada na Universidade de Stanford e se espantou com a quantidade de crianças que encontrou pelos corredores da Bienal. “Eu tenho ouvido que, no Brasil, os livros infantis é que tornam muitas editoras economicamente viáveis — o que é ótimo! Ao mesmo tempo, descobrir que uma feira de livros seja principalmente frequentada por crianças me parece estranho — quase assustador.” Ele ainda comenta que nas feiras que conhece nos EUA e na Alemanha, “não passaria na cabeça de ninguém levar crianças para lá”.

O escritor lê

Milton Hatoum já não aceita tantos convites para feiras literárias. Quando os aceita, privilegia os leitores brasileiros. Voltou impressionado de uma feira realizada em outubro na cidade de Maringá, onde encontrou uma plateia de umas 300 pessoas que conheciam sua obra, cujo interesse decorria de *Dois irmãos*, livro exigido no vestibular

da Universidade Estadual de Maringá (UEM). Hatoum assegura que prefere esse tipo de evento do que “ir para a Bélgica falar numa pequena biblioteca para 12 belgas tristíssimos”. A obra de Hatoum circula em mais de 15 países.

“Um tema que seria interessante [de sistematizar] numa feira de livro, bienal, seria saber como determinado escritor lê Guimarães Rosa. Ou como aquele escritor lê *O amanuense Belmiro*, do Cyro dos Anjos, que é um grande romance e um livro meio esquecido. Ou como o escritor lê *Os ratos*, do Dyonélio Machado. Ou os contos do Dalton Trevisan. Os próprios escritores podem falar de literatura, mesmo sem o aparato crítico, porque isso não é obrigatório para quem escreve, e transmitir uma impressão de leitura sobre clássicos da leitura brasileira. Até mesmo para reviver esses clássicos e para colocar em circulação algumas obras fundamentais da literatura brasileira”, diz Hatoum.

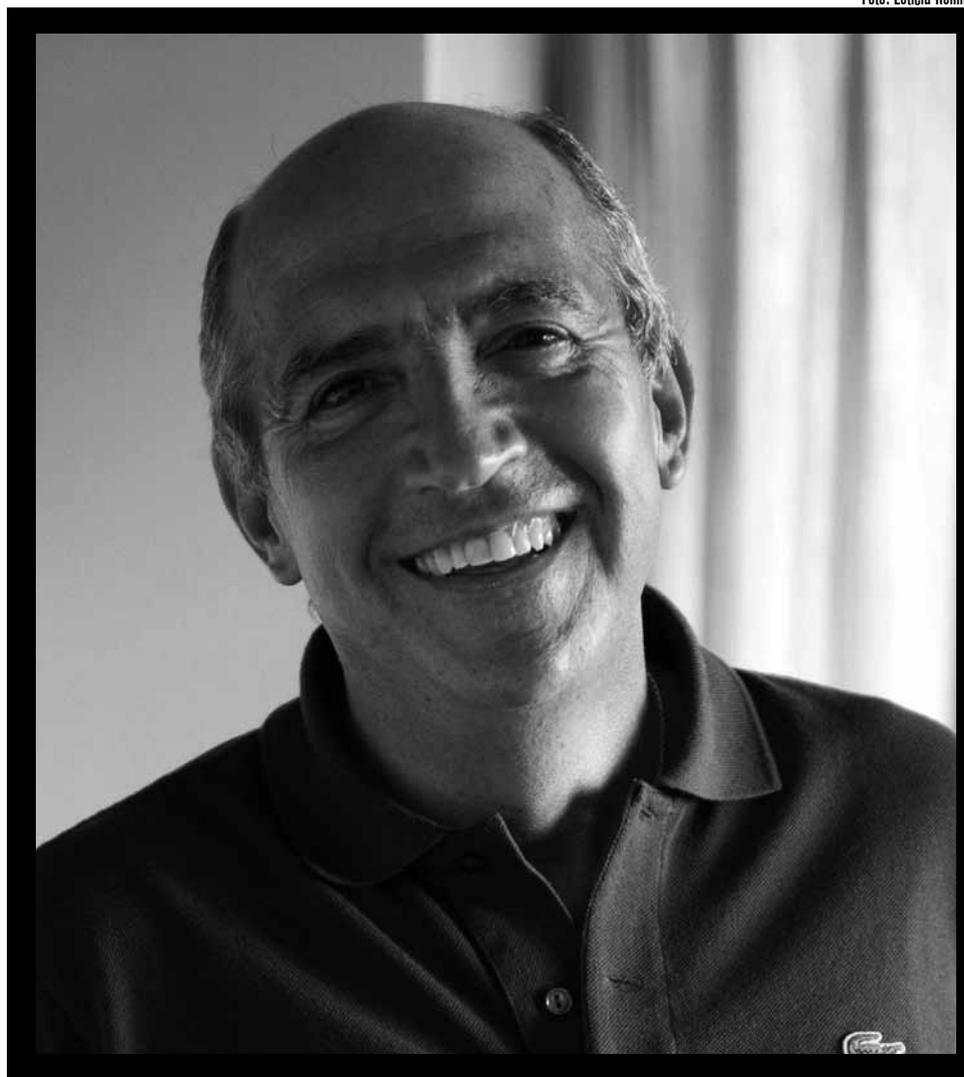
Para o autor de *Cinzas do norte*, as feiras literárias abrem um espaço importante à

leitura num contexto de país em que a literatura é mal divulgada. No entanto, elas não substituem a política cultural nem a formação educacional mais consistente. Hatoum gostaria de ver maior envolvimento da universidade nesses eventos mais populares, uma vez que “uma boa leitura depende da universidade, da escola e da crítica”. Quanto à internacionalização da literatura brasileira, registra que “para promover a literatura brasileira no exterior, teria que haver uma instituição ao estilo do Instituto Cervantes. Talvez um ‘Instituto Machado de Assis’, ou algo parecido.

Festivais e bienais internacionais não têm como cumprir esse papel sozinhos”.

Em diferentes pontos da geografia e diante de uma diversidade de nomes e conceitos de eventos, o escritor brasileiro contemporâneo arruma as malas e pega a estrada. A tensão entre nomadismo e sedentarismo ganhou intensidade nos últimos cinco ou três anos para cá e lança questões relativamente novas para quem escreve, edita ou faz produção cultural. Questões que ora se revelam nos bate-papos com os autores, ora em reportagens especiais de jornais literários. ■

Foto: Leticia Romiao



“Para mim, o melhor modelo é o Salão do Livro de Paris. Porque ele é importante? Porque só tem editor. E não tem mega-estande, pois há um limite de investimento”,

Ivan Pinheiro Machado, editor da L&PM.

O editor da L&PM Ivan Pinheiro Machado considera haver uma distorção entre a realidade editorial e as feiras literárias, já que o espaço físico é dominado por livrarias, e não por editoras. Por isso o público encontra os mesmos títulos em estandes diferente.

A madrinha das feiras

Para a inglesa Liz Calder, idealizadora da FLIP e da FLIPSIDE, um bom curador deve estar ciente das novas escritas e publicações ao redor do mundo

BEN-HUR DEMENECK





“Um curador deve ter imaginação, ler vorazmente, ter coragem, fazer contatos em outros festivais e comunidades publicação e seguir seus instintos”

Liz Calder, idealizadora da Flip

Fliro (RO), Flivima (RJ), Flibo (PE), Flimar (AL), Flipoços, Flia-raxá (MG), Fliporto (PE), Flipa-ranapiacaba (SP), Flicampos (PR), FLAP (AP), Flimt (Feira do Livro Indígena de Mato Grosso). Sim, o prefixo “Fli” é um dos legados da Festa Literária Internacional de Paraty (FLIP) e um dos sinais de sua influência em seus pouco mais de 10 anos de existência.

A inglesa Liz Calder, idealizadora da FLIP, considera que um curador de feira literária deve investir na criação de um programa que aborde questões atuais e escolher autores que trarão consigo histórias e experiências que vão expandir a compreensão do público, ao mesmo tempo que o entretinha e o inspire. Um dos desafios está em selecionar escritores que consigam combinar bem entre si tanto no desenvolvimento de ideias quanto em compartilharem uma experiências de diálogo juntos.

A FLIP começou numa viagem à cidadezinha de Hay-on-Wye, no País de Gales, em 1997. Liz Calder havia morado por décadas no Brasil e nessa nova fase editava livros de autores bra-

sileiros pela Bloomsbury. Ao chegar ao Hay Festival, ela estava acompanhada de um grupo de amigos influentes nas letras brasileiras, entre eles o editor Luiz Schwarcz (Companhia das Letras) e o arquiteto Mauro Munhoz (hoje da Associação Casa Azul). Foi daquela viagem que partiu a decisão em organizar um festival semelhante no Brasil.

Hay-on-Wye tem cerca de 1.500 moradores, 30 sebos e nela se encontram faixas afixadas em frente das livrarias com esse tipo de dizer: “Kindles estão banidos do reino de Hay.” Como que originário de uma obra ficcional, a história do festival deve muito à arte do blefe de seu fundador. Peter Florence ganhara uma fortuna jogando pôquer e com ela decidiu criar um festival de letras. Por sua vez, o fato de Liz Calder ter descoberto “Harry Potter” deu a ela a moral para bancar e apostar na FLIP.

“Os diretores de programa de um festival literário devem estar cientes das novas escritas e publicações em tantas partes do mundo quanto for possível. E é claro que isso vai significar correr riscos, porque não é possível

ter certeza de que qualquer combinação particular de escritores vai produzir eventos interessantes. Um curador deve ter imaginação, ler vorazmente, ter coragem, fazer contatos em outros festivais e comunidades de publicação e seguir seus instintos”, dimensiona Liz Calder o grau de audácia presente em um processo de curadoria.

Embora a celebridade da FLIP tenha alavancado em processos tradicionais de difusão do livro e nas movimentações em prol da leitura, um de seus méritos foi conseguir agregar massa crítica e visibilidade midiática. Em 2014, por exemplo, antes da FLIP começar, a capa da revista *Serafina* (encarte mensal da *Folha de S.Paulo*) estampava um retrato de Michael Pollan composto por cereais, ervas e legumes. O autor era um dos convidados internacionais do festival. Um dia antes de acabar a FLIP, a Rede Globo transmitia uma matéria das “ruas cheias de história” de Paraty minutos antes de começar a novela *Império* com seus quase 35 pontos no Ibope. Novela cujo dramaturgo participou da abertura da FLIP. ■

A feira

“A mídia ainda dá pouco espaço para os autores de literatura infantil e juvenil, excetuando-se aqueles que tiveram suas carreiras alavancadas por grandes investimentos de suas editoras em marketing, o que demonstra a falta de crítica especializada nesta área”, aponta Marco Cena, coordenador-geral da Feira de Porto Alegre e presidente da Câmara Rio-Grandense do Livro.

O curador da 60ª Feira do Livro de Porto Alegre também gostaria que os jornalistas dessem mais atenção a novos talentos, que “precisam ser garimpados na Feira”, e atenção especial a autores internacionais que se apresentam pela primeira vez no Brasil. A feira detém o primeiro título de patrimônio imaterial da cidade de Porto Alegre e chega a 2014 à sexagésima edição com 127 expositores, cerca de 700 sessões de autógrafos distribuídos em duas semanas de atividades. Em 1955, começou com 14 barracas de madeira.

Dentro da programação da Feira é possível encontrar atividades como o “Tu Frankenstein”, em que escritores são convidados a realizem uma criação literária ambientada na Biblioteca Pública do Estado num 8 de novembro tal qual, na noite de 1816, Mary Shelley desenrola sua ficção de terror gótico *Frankenstein*. A programação cultural lança mão também de teatro, música, poesia e outros formatos tendo “a palavra como protagonista”, sintetiza Cena. E desde o ano passado, questões relativas à economia do livro têm procurado abrir o debate sobre a profissionalização na edição e na comercialização de livros.

A JORNADA

“Feira do livro e bienal do livro não são prova de atletismo, de corrida de bastão, onde a gurizada corre de um lugar para o outro sem ter como objetivo primeiro ter lido um livro e encontrar um autor face a face. Para dinamizar os livros, é preciso preparar uma programação para os leitores encontrarem autores. E é a partir daí que continua o diálogo: primeiramente, do leitor com o livro e, depois, entre o do leitor e o escritor. Com o tempo é que virá o gosto pela leitura dos clássicos”, diz Tânia Rösing, idealizadora e coordenadora-geral da Jornada Nacional de Literatura de Passo Fundo. Doutora em Teoria Literária, Tânia considera que as feiras, em geral, procuram divulgar e vender obras, mas fracassam em dinamizar a leitura, tanto para leitores iniciantes quanto para os que estão em fase de formação. Lamenta que sejam comuns feiras privilegiarem livros infantis apenas por seu baixo preço e não pela qualidade do texto. Ou seja, incentiva uma comercialização apenas para fins consumistas e não culturais.

A Jornada Nacional de Literatura de Passo Fundo é conhecida por sua capacidade em promover a movimentação cultural. O evento bianual foi criado em 1981. Para comprovar que acesso ao livro não significa leitura, a curadora da Jornada menciona uma cena que assiste com frequência quando visita escolas – encontrar caixas fechadas de livros comprados via programas governamentais, como o PNBE (Programa Nacional Biblioteca da Escola) e PNLD (Programa Nacional do Livro Didático). – Ela diz ainda que de nada vale investir em acervos se não houver formação dos professores tanto como leitores e como mediadores da leitura.



O circuito

“Tenho notado a revalorização do escritor mais tímido, que não é um *show man* e oferece ‘apenas’ a qualidade do seu texto. Os últimos vencedores do Prêmio Sesc de Literatura, por exemplo, são sujeitos tímidos, quietos e talentosos pacas, e estão chamando muito a atenção por onde passam. Acho que a grande descoberta está nos autores introspectivos, cuja figura contrasta com a voz poderosa de suas narrativas”, diz Henrique Rodrigues Pinto, assessor técnico em Literatura do Sesc Nacional e coordenador de projetos de incentivo à leitura e circulação de manifestações literárias.

A partir da experiência em mais de 70 semanas literárias, Henrique sustenta sua hipótese nos exemplos do maringaense Marcos Peres (*O evangelho segundo Hitler*), do santista Alexandre Marques Rodrigues (*Parafilias*) e da pernambucana Débora Ferraz, (*Enquanto Deus não está olhando*). Como o SESC possui unidades espalhadas pelo país, suas ações permitem avaliar que, realmente, houve uma popularização das feiras literárias municipais. Foram elas que levaram o SESC a se aproximar do conceito de jornada literária.

O setor de cultura do SESC Nacional identifica um aumento considerável do interesse de jovens pela leitura e, em se tratando de formato, uma demanda por oficinas literárias. Se antes o problema era encontrar o livro, agora o público quer se aproximar de escritores e trocar ideias. A combinação de autores de centros maiores com os de outras regiões também tem sido uma fórmula de troca cultural bastante estimulante para os envolvidos. Henrique, ao responder a entrevista, estava em Vitória, onde, assevera, “existe uma vida literária rica e pulsante, com autores, infelizmente, pouco conhecidos nos Estados vizinhos”. ■



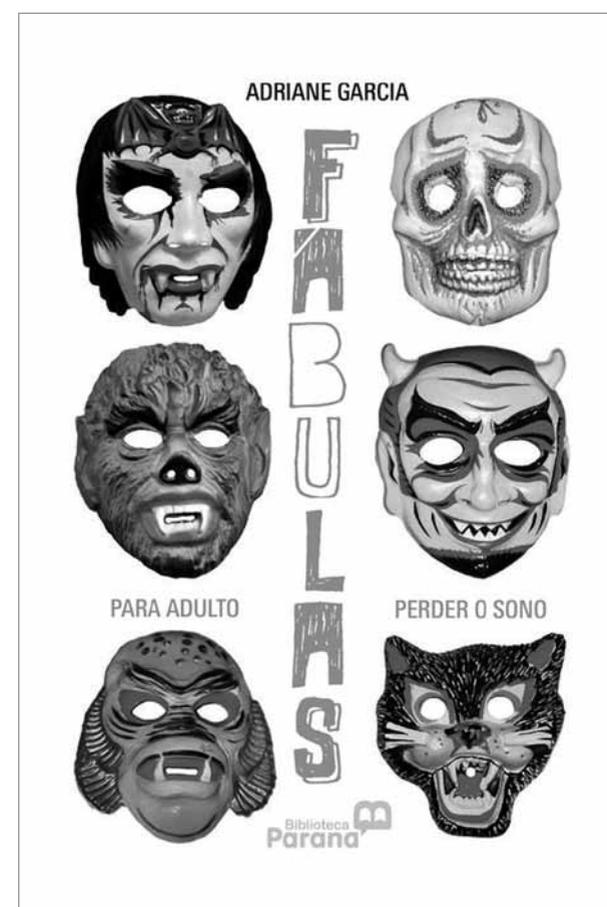
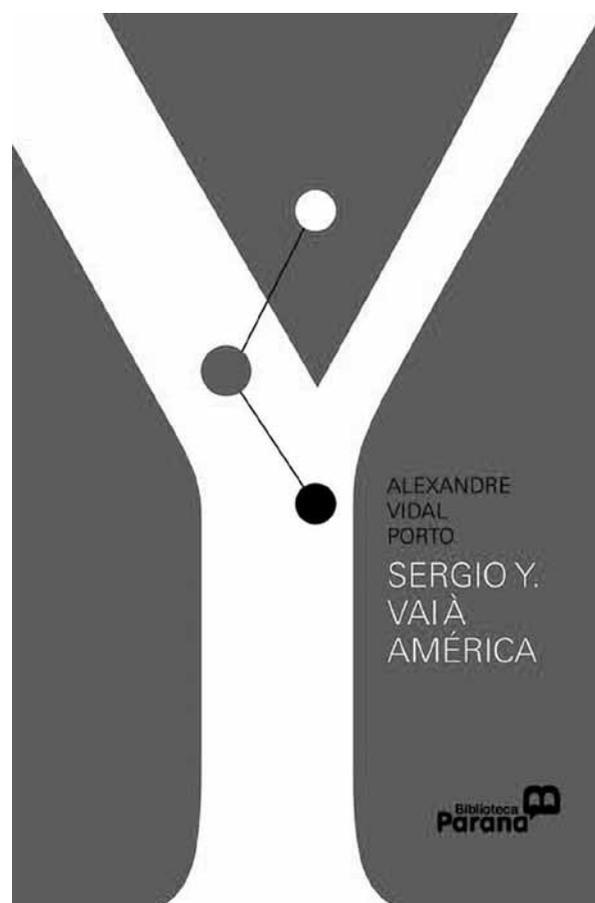
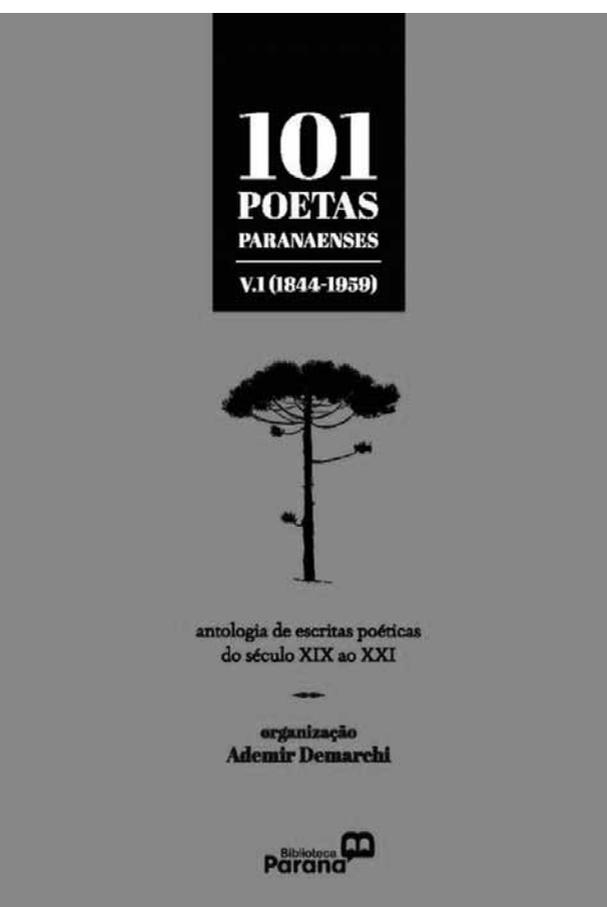
Selo Biblioteca Paraná publica 11 títulos em 2014

Edição fac-similar do jornal *Nicolau* e antologias de contistas e poetas estão entre as publicações do selo

LUCAS DE LAVOR

Com a publicação dos três livros ganhadores do Prêmio Paraná de Literatura 2014, o selo Biblioteca Paraná completa 11 lançamentos no ano. O material produzido pela equipe do Núcleo de Edições da Secretaria de Estado da Cultura (SEEC), que funciona na Biblioteca Pública do Paraná (BPP), foi distribuído a todas as bibliotecas públicas do Estado, escolas e a várias instituições culturais do país.

“Conseguimos realizar projetos importantes, que supriram lacunas de nosso meio editorial, como as antologias *48 contistas paranaenses* e *101 poetas paranaenses*, que dão ao leitor uma dimensão clara da produção literária no Estado. Além disso, colocamos novamente em circulação, em edição fac-similar, o jornal *Nico-*



lau”, diz Rogério Pereira, diretor da Biblioteca Pública. Os 60 números do suplemento de cultura paranaense *Nicolau*, editado de 1987 a 1996, voltaram a circular no segundo semestre deste ano. Acondicionadas em três caixas, a coleção teve tiragem de 2 mil exemplares.

Escritor na Biblioteca

Retomando em 2011 após 27 anos de interrupção, o projeto “Um Escritor na Biblioteca” recebeu mais 30 autores em quatro temporadas. As conversas, publicadas no **Cândido**, foram editadas em livro no começo do ano.

O primeiro volume resgata os bate-papos dos anos 1980, que foram publicados em pequenos livretos que estavam fora de circulação, só dispo-

níveis para consulta local na Divisão Paranaense da BPP. O livro traz conversas com nomes importantes da literatura nacional, como Paulo Leminski, Luis Fernando Verissimo, Helena Kolody e Fernando Sabino. O segundo volume reúne as conversas da primeira edição do projeto após a retomada, em 2011. Estão lá os bate-papos com Cristovão Tezza, Luiz Ruffato, Reinaldo Moraes e Sérgio Sant’Anna, entre outros autores. Ainda em dezembro, a BPP publica o terceiro volume de entrevistas, que vai reunir autores que participaram dos encontros nas temporadas 2012 e 2013. São 16 escritores, como Bernardo Carvalho, Rubens Figueiredo, Luci Collin, Michel Laub e João Gilberto Noll.

Antologias

Organizada por Luiz Ruffato, a antologia *48 contos paranaenses* faz um recorte do que foi produzido no gênero desde a emancipação do Paraná. Entre pioneiros como Andrade Muricy e Jaime Balão Junior, o livro traz escritores conhecidos nacionalmente, como Dalton Trevisan e Miguel Sanches Neto, além de nomes da nova geração de contistas.

Já a poesia do Estado ganhou uma compilação inédita que inicia em 1844 e se encerra em 1993. Organizada pelo poeta e crítico Ademir Demarchi, *101 poetas paranaenses* está dividida em dois volumes, que, juntas, somam mais de 800 páginas. No volume um, estão 50 poetas, nascidos entre a primeira metade do século XIX e a segunda metade do século XX. Já o volume dois, traz 51 autores nascidos entre 1959 e 1993.

Últimos lançamentos

No final de novembro, toda a prosa conhecida de Newton Sampaio, considerado por Dalton Trevisan como “o maior contista do Paraná”, foi publicada no livro *Ficções — Newton Sampaio*. Com prefácio do professor da Universidade Federal do Paraná (UFPR) Luís Bueno, o volume traz os contos dos livros *Irmandade* (1938) e *Contos do sertão paranaense* (1939), além de textos de ficção publicados em jornais e também na revista *Joaquim*.

Ainda em dezembro, o selo Biblioteca Paraná publica o romance *Operação Impensável* (Vanessa Barbara), a coletânea de contos *No início* (Adriana Griner) e o livro de poemas *Fios* (Sônia Barros) — leia mais nas páginas 10 e 11 — todos vencedores da edição 2014 do Prêmio Paraná de Literatura. ■



Biblioteca Paraná

BIBLIOTECA PARANÁ 2014

Um Escritor na Biblioteca | 1980

Um Escritor na Biblioteca | 2011

48 contos paranaenses

Fac-símile jornal *Nicolau*

101 poetas paranaenses — antologia de escritas poéticas do século XIX ao XXI

Ficções — Newton Sampaio

Um Escritor na Biblioteca | 2012 e 2013

Operação Impensável, de Vanessa Barbara | Romance

No início, de Adriana Griner | Contos

Fios, de Sônia Barros | Poesia

CONTO | WILKER SOUZA





A PIPA

A xícara funda insiste em prolongar a manhã, mas, de tão espaçados, os goles de café trazem paulatinamente o sabor das horas estereis. A tela ainda intata, a mão suspensa, à espera de um só movimento imune à censura prévia daquela mente exaurida de esboçar.

O súbito barulho no vidro e as cerdas tocam a tela com desfaçatez. Ele maldiz o condomínio e todos os seres que fazem desse disparate da arquitetura um verdadeiro atentado à civilidade (semanas atrás, porém, vociferou contra a casa de campo alugada cuja morbidez jamais poderia inspirá-lo). É sensato abandonar a tela maculada pelo acaso ou subtrair aquele rastro acintoso, mas antes de dar cabo a algum desses pensamentos, abre discretamente a cortina para ver a razão daquela pausa indesejada.

Uma pipa — intacta, a despeito do choque abrupto contra a materialidade fria do vidro — jaz no chão da varanda. Num ímpeto semicontido, ele abre a porta. Está decidido a destruir a pipa e assim expurgar seu repúdio à contingência.

Como emulasse maturidade, o garoto do 101 pergunta ao outro se não tem mais nada de inteligente a fazer no mundo a não ser soltar pipa, principalmente ali no meio de tantos prédios e fios de alta tensão! Mas o outro — obs-

tinado em apanhar a pipa cuja rabiola pendia do gradil da minúscula varanda do cara do 202 — ignora e escala a coluna com invejável destreza, para desespero do primeiro que projeta o braço fino por entre a grade da janela do quarto exigindo que aquele moleque desça imediatamente da sua garagem!

Jamais gostou de pipas. Vencer muros enormes à procura do melhor lugar para empiná-las ou — olhos fixos no céu, extasiados com a queda vertiginosa de um mandadão — correr desatinado em meio a carros e moleques para apanhá-lo eram esforços subumanos para um propósito tão reles, como diziam. As tintas ao menos não o intimidavam àquela época. Distraíam-no durante a prolongada ausência do pai, para quem o talento do filho era tão inconteste quanto conveniente. Na clausura do quarto, pululavam formas bem acabadas — Que capricho! Um observador e tanto!, aliviava-se a professora ao contrastar os trabalhos do garoto com os borrões desleixados dos demais. Reproduzido com raro detalhamento — desde a tímida convexidade superior do para-choque dianteiro, de onde saía o delgado e prateado friso lateral, até a complexa sobreposição de linhas das rodas de liga leve —, o carro vultoso era posicionado diagonalmente na gara-

gem, como que para dificultar a partida pelo estreito portão de ferro composto de cilindros encimados com pontas de lança, em sua maioria, oxidadas. Cilindros que em outro desenho abrigavam mãos cerradas e entrecortavam a ansiedade indissimulada naquele rosto de sexta-feira à tarde. Sim, o portão fora concebido apenas para chegadas.

Até o dia em que quem sempre chegava não mais chegou e quem devia partir há tempos não soube como. Jamais. A pintura perdeu o propósito, restando apenas o hábito inócuo. Do remoto e premeditado elogio da professora, passando pelos longos anos de retidão e afinco à sempre renovada esperança de anuência especializada, o caminho fora meticulosamente traçado de modo a asseverar pelos quatro cantos o talento que um dia lhe imputaram num abraço. No fundo, sempre se quis digno daquele abraço. Mas para seu desespero, aquelas pálpebras fatigadas se fecharam antes do ciclo para o qual devotava toda uma vida. Ao contrário dos desenhos de outrora, o mundo não era feito de formas acabadas. Alguns voos, na tentativa de desfilar suas cores em camadas mais remotas, só foram possíveis graças à rija linha que o conduzia desde o chão. Rodopios e arremetidas improváveis eram também obra da linha. Que se rompeu. ■



Wilker Sousa nasceu em São José dos Campos (SP), em 1981. Como jornalista, foi editor de literatura da revista *Cult*. Atualmente é mestrando em Teoria Literária e Literatura Comparada pela USP. “A pipa” integra seu primeiro livro de contos, ainda sem editora. Vive em São Paulo.

CLIQUESES

EM CURITIBA

A fotógrafa Juliana Stein nasceu em Passo Fundo, em 1970. Formada em Psicologia pela Universidade Federal do Paraná (UFPR), viveu em Veneza e Florença por dois anos, onde estudou história da arte, desenho e técnica de aquarela. Começou a fotografar no final dos anos 1990. Desde então, já expôs seu trabalho em países como Alemanha, Portugal e Uruguai. A série sobre o *petit pavé* de Curitiba é publicada com exclusividade no **Cândido**.





QUEM PRECISA DE BARILOCHE?



Eu não lembro bem de quem foi a ideia. Minha, com certeza, não foi. Eu era só uma menina de seis anos. Eu acho que a ideia foi da minha mãe, porque o meu pai podia passar a vida inteira consertando coisas e dando comida para os passarinhos no quintal que estava tudo bem, mas a minha mãe não, a minha mãe vivia lambendo os dedos e folheando páginas de revistas e dizendo: era isso que a gente devia fazer.

A página ficou colada um tempo na geladeira. Era um morro coberto de neve, um homenzinho lá no alto descendo com um esqui. No começo minha mãe disse que íamos andar em teleféricos e deslizar em montanhas como aquela, depois passou a dizer apenas que íamos ver a neve.

O plano tinha uma logística complexa que eu, pequena, não conseguia entender. Durante quase um mês ficamos com as malas prontas à espera de um chamado. Algo como uma corneta que soaria através da boca da minha mãe, fazendo com que nos vestíssemos em tempo recorde e nos apresentássemos com as malas junto ao carro, soldados alistados para guerra. Enquanto a corneta não soava, esperávamos, as malas debaixo da cama, enquanto minha mãe checava as notícias em algum lugar longe dali.

Eu estava na escola quando a minha mãe apareceu. O gorro de pele de coelho se projetando para dentro da porta. Eu lembro que alguém deu risada, porque não era um dia frio, estávamos de camiseta de manga. Saí andando atrás dela. O gorro tinha um rabo pendurado na parte de trás, um rabo que sacudia no ritmo dos passos dela. En-

tramos no carro. Meu pai e minha irmã estavam nos esperando. Ele na direção, ela no banco de trás mascando chiclete (ela sempre estava mascando chiclete).

Sáímos em direção ao Sul, nome que julguei, por uma boa parte da viagem, ser o nome da cidade para onde estávamos indo. A cada cidadezinha que surgia, eu esperava ver as três letras grandes de concreto enfileiradas sobre a grama, mas os nomes, que eu sempre lia em voz alta, eram muito mais compridos, coisas feias como Papanduva, Urupema e Sepultura. Acho que foi nessa última que dormimos. Ou em alguma outra perto dela.

Minha mãe não queria parar. Ela queria que meu pai tocasse direto até o destino. Ela trouxe uma garrafa térmica e, durante a viagem, ficava o tempo todo oferecendo café pra ele, mas teve uma hora que ele disse: chega, eu preciso fechar os olhos. Lembro que ela ficou nervosa. Disse que não podíamos parar. Que, se era assim, ele que saísse do volante, ela mesma dirigiria, mas todos nós sabíamos que ela estava blefando, porque uma vez ela tinha entrado numa auto-escola e brigado com a instrutora logo na primeira aula. Tudo que ela sabia fazer era andar reto engatando até a segunda. Então ela não teve outra opção senão ficar quieta e procurar um hotel com a gente.

Paramos no primeiro que apareceu. Ficava junto a um posto de gasolina e tinha uma estrela que ficaria muito mais adequada no céu do que na sua fachada. Isso é o que eu penso hoje, ao lembrar do corredor estreito e escuro, da porta que quase despencou ao ser aber-

ta, do quarto cheirando a mofo e chucrute (o dono do hotel era alemão). Mas na época, o meu olhar era outro, e eu me encantei com o corredor estreito e escuro, com a porta que não era a nossa porta, com o quarto cheirando a alguma coisa que eu não sabia o que era. E também tinha a janela, virada para um estacionamento grande e vazio, coberto por um céu estalando de limpo.

A minha mãe nem chegou até a janela. Tirou rápido a roupa e já se enfiou debaixo da coberta, recomendando que fizéssemos o mesmo, porque dali a cinco horas, e nem um minuto a mais, estaríamos pegando a estrada de novo. A minha irmã também deitou-se, com a roupa que estava, deixando o chiclete grudado no encosto da cama. Ficamos eu e meu pai, olhando para fora. Como eu disse, o céu estava estalando de limpo e, fora ele, fora a sua coleção infinita de estrelas, não tinha muito o que se ver. Mesmo assim, ficamos um tempo observando o estacionamento, a paisagem imóvel em volta dele, até que meu pai pôs a mão no meu ombro e disse: vâmo, a gente precisa descansar.

Acordei com a voz da minha mãe, com ela botando o braço para fora da janela e dizendo pra gente levantar que estava tudo ótimo, tudo correndo como o esperado. Minha irmã pegou o chiclete que estava grudado no encosto da cama e pôs na boca (segundo ela o movimento do maxilar ajudava a aquecer o corpo). Vestimos as nossas roupas. Era engraçado porque nada servia direito. Morávamos em uma cidade quente, onde era verão o ano inteiro, e não tínhamos roupa de frio. Nossos casacos,

gorros e luvas foram emprestados de parentes para aquela viagem. Era tudo justo ou solto demais. Meu pai, coitado, estava usando um poncho com dois pompons que batiam nos seus joelhos. Mas nem tivemos tempo de nos olhar no espelho, de nos admirar com aqueles trajes exóticos, porque a minha mãe já estava na porta chamando pela gente.

Acho que o dono do hotel acordou com o barulho, porque de repente apareceu, com cara de sono, de ceroula e chinelos e, depois de pegar a chave do quarto, disse que tinha uma boa notícia. Que, durante a madrugada, um caminhoneiro que tinha chegado no hotel, vindo lá de baixo, contou que estava tudo branquinho. Lembro que nos entreolhamos, como quatro colegas da mesma idade. Depois demos tchau para o alemão e pegamos a estrada.

Não sei bem quanto tempo levamos para chegar. Fui eu que apontei para a arvorezinha coberta de neve, a sombra do portal da cidade. Lembro que minha mãe olhou para a árvore e disse: quem precisa de Bariloche?. Depois abriu a janela e tirou uma foto. Meu pai perguntou se queríamos descer, se queríamos fazer uma foto na frente da árvore, mas a minha mãe disse que não, que era para ele seguir reto, até a praça central, onde tinha uma igreja e um jardim que, como ela viu no site da prefeitura, ficavam espetaculares vestidos de branco.

Não sei se eles perceberam no caminho. Eu, na minha inocência de criança, não percebi. Eu fiquei achando que a praça ia surgir de repente, sob uma chuva de flocos cintilantes, como aquelas miniaturas dentro do globo de

vidro de um souvenir. Mas claro que, como as calçadas e telhados já anunciavam, isso não aconteceu.

O sol chegou antes de nós e derreteu quase toda a neve de São Joaquim. Só sobraram alguns montinhos, sobrevivendo tímidos pelos cantos. De resto, era só uma aguarada suja e cinza escorrendo pelos galhos, calhas e bueiros. Num canto da praça, ainda tinha a cabeça de um boneco, com dois botões e uma cenoura, mas já tão disforme, tão liquefeita, que mais parecia um encontro acidental entre dois objetos e um legume.

Depois de andar em volta da igreja, procurando, em vão, algum resquício de neve decente para fotografar, minha mãe começou a gritar com o meu pai, a dizer que a culpa era dele, que se não tivéssemos parado para dormir, se tivéssemos chegado antes do sol, a neve ainda estaria lá. Meu pai disse para ela se acalmar, quem sabe nevaria de novo, mas todos nós sabíamos que isso era improvável. Estávamos num país tropical e a pequena São Joaquim só dava a sorte de ter neve uma ou duas vezes por ano.

Sentamos numa mureta. Ficamos quietos, olhando os moradores e turistas passarem, imagino que com uma vontade secreta de roubar deles a lembrança do que só eles tinham visto. Um tempo depois, uma mulher passou por nós e, apontando para a câmera que estava no colo da minha mãe, perguntou se queríamos que ela tirasse uma foto. Minha mãe entregou a câmera para ela. Meu pai tirou o poncho correndo. Demos risada e nos juntamos para a foto. ■

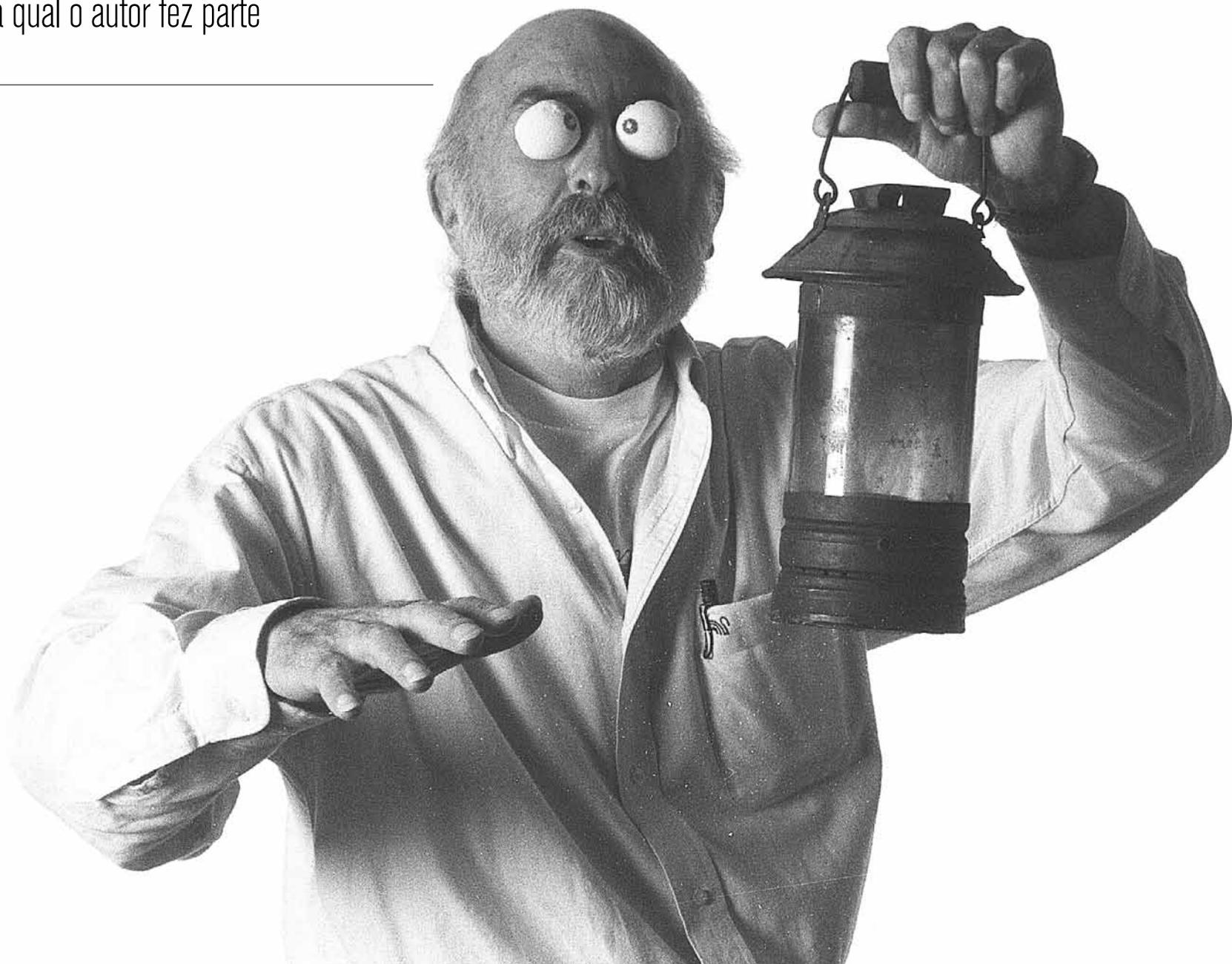


Uma farsa sobre a província

Lançado há 20 anos, *Como eu se fiz por si mesmo*, de Jamil Snege, mistura memória e ficção para falar sobre o tempo e a geração da qual o autor fez parte

Foto: Daniel Snege

LUIZ REBINSKI



Muito antes do termo auto-ficção se tornar tão presente na literatura brasileira, o escritor Jamil Snege cometeu uma obra que, em muitos aspectos, antecipou recursos que seriam usados à exaustão por escritores brasileiros contemporâneos. Trata-se de *Como eu se fiz por si mesmo*, um livro tão interessante quanto de difícil classificação. Memória, ensaio, auto-narrativa, poesia em prosa, há de tudo um pouco no oitavo título do escritor paranaense, lançado em 1994.

Assim como os livros anteriores de Jamil, *Como eu se fiz por si mesmo* não reverberou para além de um círculo restrito de leitores de Curitiba. Mas fez a cabeça daqueles que o leram. Conhecido pela ojeriza ao esquema editorial, Jamil fez da auto-publicação um ato admirável. O que não é pouco, pois a prática costuma ser mal vista até por leitores. O escritor deveria ter lá suas razões para preterir o mercado (o próprio título do livro já é bastante revelador), mas certamente a qualidade de sua prosa garantia seu desdém às editoras.

Por isso, conta Fábio Campana, foi tão difícil convencer Jamil a publicar *Como eu se fiz por si mesmo*. O livro, que Campana classifica como uma “ficção de memória”, saiu pela Travessa dos Editores depois de quase dez anos de trabalho. “Essa narrativa foi escrita uma década antes. Eu vivia insistindo para que a publicássemos, o Jamil relutou muito, mas em 1994 o convenci. O Turco era extremamente perfeccionista, sempre tentando encontrar a melhor forma para o texto.”

Mas o que faz de um livro autorreferente, quase memorialístico, escrito por um autor ainda obscuro ser relevante hoje? *Como eu se fiz por si mesmo* é uma prosa anárquica em muitos sentidos. As lembranças do autor, da tenra idade até a vida profissional, são submetidas a uma calculada bagunça literária, onde reminiscências da adolescência são permeadas por espasmos de prosa poética e flashes oníricos. O que afasta o livro de qualquer onanismo literário ou algo como “lamentações de um autor que não teve o talento reconhecido”.

Personagem e inconfidências

Certo dia o tradutor e escritor Ernani Ssó recebeu em casa *Como eu se fiz por mim mesmo*. O livro foi enviado pelo próprio Jamil por sugestão do poeta e crítico Paulo Hecker Filho. Ssó até então não conhecia a obra do escritor curitibano. Hoje, mais de 20 anos depois daquela leitura, o livro ainda parece bastante fresco na memória do escritor gaúcho. “Conhecer um escritor, num mundo cheio de redatores, não é moleza, não. Fiquei impressionado com o Jamil, a fluência dele, a ironia, o bom humor, a grande naturalidade. Mas, acima de tudo, o que marcou foi a criação do personagem Jamil Snege”, diz o tradutor de *Dom Quixote*.

À prosa extremamente clara e econômica, Jamil acrescenta doses generosas de um humor ácido, corrosivo, que não poupa nada nem ninguém, onde, claro, não há espaço para autocomiseração. Assim ele vai narrando a infância de classe média baixa, o primeiro emprego na “baiúca” do pai (uma confecção de blocos para jogo-do-bicho), os anos no exército, as experiências no jornalismo e o circuito quase amador da propaganda profissional da Curitiba dos anos 1970.

Em meio à invenção do personagem, é possível identificar traços da personalidade do autor, segundo as lendas que ainda correm em Curitiba após dez anos de sua morte. “Desde cedo desenvolvi o humor, a ironia, o cinismo e passei a usá-los sem piedade. Ainda que de forma intuitiva, aprendi a identificar as instâncias na qual se manifestava a ideologia dominante”, diz um dos trechos reveladores de *Como eu se fiz por si mesmo*.

A oração acima seria seguida à risca na vida e na literatura do autor. O que quer dizer que o tratamento aos outros personagens do livro se manteve o mesmo: ninguém foi poupado. Sobre o hoje consagrado autor de *O filho eterno*, com quem Jamil teve grande interlocução e foi tratado como guru, escreveu: “Cristovão Tezza é um adolescente pentelho, gravidozinho de literatura, em busca de um guru”. E confessava, com o ego inflado, que gostava de exercer o guruato. “As conversas com o discípulo instigavam-me.”

Como Tezza, muitas outras figuras que conviveram com o Turco viraram personagens do livro. O próprio Fábio Campana aparece em um dos capítulos. Segundo Jamil, o editor da Travessa teria feito um pacto com Dalton Trevisan envolvendo o livro *Sonata ao luar*, que o Vampiro escreveu e renegou ainda nos anos 1940: a cada exemplar furtado

por Campana da Biblioteca Pública do Paraná, Dalton daria um de seus livros mais recentes autografado. “Tudo mentira do Turco”, diz Campana. “Por conta dessas e de outras histórias, muita gente ficou na bronca com ele, mas isso tudo vai pra conta da ficção.”

Como eu se fiz por si mesmo — ainda que a ficção prevaleça — é também o retrato de uma época. “Esse livro foi escrito no tempo do face a face. O Jamil é um escritor do contato com o real. Hoje os escritores escrevem a partir do que leem. Ou seja, estão reescrevendo a literatura”, diz Fábio Campana.

Sobre a opção de não submeter seus escritos ao crivo de editoras, há um trecho em que Jamil conta sobre uma oferta de Domingos Pellegrini, que teria se prontificado a intermediar, junto à editora Civilização Brasileira, a publicação dos livros do amigo. “Mando não, Pellegrini. Estou cada vez mais provinciano. Ainda vou escrever um livro para ser lido só por quem frequenta minha cama.”

Mesmo desconhecido fora de Curitiba, há ecos de *Como eu se fiz por si mesmo* em duas obras que repercutiram nacionalmente: *O filho eterno*, de Cristovão Tezza, e *Chove sobre minha infância*, de Miguel Sanches Neto. Não por acaso, dois autores que tiveram, em algum momento da vida, interlocução com Jamil.

Campana, que também editou *Os verões da grande leitoa branca*, uma coletânea de contos de Jamil, lembra que *Como eu se fiz por si mesmo* é a única narrativa longa do escritor e assim como seus textos curtos, a motivação do autor para escrevê-lo não estava na linguagem literária, mas em uma vontade de se manifestar de forma sarcástica e com humor. “É um livro fundamental para conhecer a obra do Jamil e ele mesmo como personagem. Um falso relato memorialístico, uma verdadeira farsa sobre a província.” ■



RETRATO DE UM ARTISTA | J. G. BALLARD



O autor inglês J.G. Ballard escreveu uma obra tão singular que seu nome virou adjetivo. O termo “ballardiano” costuma ser empregado para definir o fragmentado mundo pós-moderno. Ballard iniciou a carreira como escritor de ficção científica, mas logo deturpou as convenções que movem o subgênero literário ao escrever romances em que as catástrofes dão o tom, como nos livros *The drought* e *O mundo de cristal*. O salto de Ballard como escritor veio com *The atrocity exhibition*, um instigante catálogo experimental de atrocidades patológicas do capitalismo tardio. Mas é *Crash — estranhos prazeres* o maior êxito do escritor. Nele, Ballard emprega um discurso ainda mais radical sobre a psique humana, criando uma galeria de personagens atormentados por um fetichismo que relaciona sexo e acidentes de trânsito. Quando Ballard apresentou o romance para publicação, o editor teria se saído com essa: “No autor desse livro, nem psiquiatra dá jeito”. O que soou como elogio para Ballard. Em 1996, o romance ganhou uma adaptação cinematográfica memorável feita por David Cronenberg. A partir de 1990, o autor escreveu uma série de romances que subvertem a noção clássica de comunidade — *Cocaine nights* e *O reino do amanhã*, entre outros. J.G. Ballard faleceu em 2009, em Londres.

 **Heitor Yida** é ilustrador e artista gráfico.
Vive em São Paulo (SP).